



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**PAULA CAROLINE FERREIRA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA  
(PEDAGOGIA/CAMPUS-IV) PARA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA.**

Mamanguape-PB

2023

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA  
(PEDAGOGIA/CAMPUS-IV) PARA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA NARRATIVA  
AUTOBIOGRÁFICA.**

PAULA CAROLINE FERREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito complementar para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Professora Dra. Maria Valdenice Soares Resende.

Mamanguape-PB

2023

F383c Ferreira, Paula Caroline.

As contribuições do programa residência pedagógica (Pedagogia/CAMPUS-IV) para formação docente : uma narrativa autobiográfica / Paula Caroline Ferreira. - Mamanguape, PB, 2023.

93 f. : il.

Orientação: Maria Valdenice Resende Soares.  
TCC (Graduação) - UFPB/CCAIE.

1. Autobiografia. 2. Residência pedagógica. 3. Formação. I. Soares, Maria Valdenice Resende. II. Título.

UFPB/CCAIE

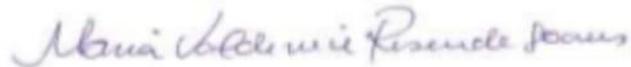
CDU 37

PAULA CAROLINE FERREIRA

AS CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA  
(PEDAGOGIA/CAMPUS-VI) PARA FORMAÇÃO DOCENTE: UMA  
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA.

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA



---

Pra.Dra. Maria Valdenice Resende Soares  
(Orientadora) DED/CCAUE/UFPB



---

Pra. Dra. Aline Cleide Batista  
(Examinador 1) DED/CCAUE/UFPB



---

Pra. Dra. Francymara Antonino Nunes de Assis  
(Examinador 2) DED/CCAUE/UFPB

Mamanguape, 6 de novembro de 2023.

Dedico ao Deus da glória, pois reconheço que sem o seu cuidado e proteção não sou nada, e também as pessoas mais importantes da minha vida: mãe, pai, irmã, e a minha amiga Liliane Gomes Barbosa, e as colegas de curso mais próximas.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer ao meu Deus pelo dom da vida, por ter me dado condições de está concluindo esse curso, foi uma longa trajetória, um caminho repleto de desafios, mas pela infinita misericórdia Dele, eu estou concluindo minha formação, agradeço aos meus pais, a minha irmã, por serem meu apoio, a minha querida amiga Liliane, que foi minha grande companheira durante o curso, às minhas colegas Bruna, Rosicleide, Raphaella que também me apoiaram, e em especial a Suênia, pela dedicação a mim atribuída no momento que mais precisei , agradeço a minha preceptora do Programa Residência Adriana Lima, as professoras coordenadoras do subprojeto Pedagogia/CAMPUS-IV, a professora Terezinha pelo incentivo na conclusão do curso, e a minha orientadora Valdenice por ter abraçado a minha proposta.

## EPÍGRAFE

Porque d'Ele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém (Bíblia, RM-11:36).

## RESUMO

A presente monografia aborda uma pesquisa autobiográfica que tem como foco as minhas vivências no Programa Residência Pedagógica (Pedagogia/ CAMPUS IV -UFPB). Tem por objetivo geral: Compreender as contribuições do Programa Residência Pedagógica para minha formação docente, e os objetivos específicos: Apresentar documentos norteadores do PRP; Relacionar o PRP com a formação docente; Relatar as experiências que vivenciei atuando como residente na escola campo. Para consolidação teórica a presente pesquisa se fundamenta principalmente nas concepções de Nóvoa (2009), Pimenta (1999), Tardif (2008) e para metodologia da pesquisa foi utilizada a autobiográfica agregada nas reflexões de Passeggi (2010). Conclui-se nesta pesquisa que a contribuição do Programa Residência Pedagógica está para a formação docente inicial como um campo de reflexão crítica da prática, para relacionar as concepções teóricas e legislativas que permeiam a formação inicial e permitem uma melhor preparação profissional para egressos da graduação em Pedagogia.

**Palavras-chave:** autobiografia; residência pedagógica ; formação docente.

## **ABSTRACT**

This monograph deals with an autobiographical research that focuses on my experiences in the Pedagogical Residency Program (Pedagogy/ CAMPUS IV -UFPB). Its general objective is to understand the contributions of the Pedagogical Residency Program to my teacher training, and the specific objectives are to present the PRP's guiding documents, relate the PRP to teacher training and relate the experiences I had working as a resident in the field school. For theoretical consolidation, this research is based mainly on the conceptions of Nóvoa (2009), Pimenta (1999), Tardif (2008) and for research methodology, the autobiographical was used, aggregated in the reflections of Passeggi (2010). This research concludes that the contribution of the Pedagogical Residency Program is to initial teacher training as a field for critical reflection on practice, to relate the theoretical and legislative conceptions that permeate initial training and allow for better professional preparation for graduates in Pedagogy.

Keywords: autobiography; pedagogical residency; teacher training.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCAIE	Centro de Ciências Aplicadas e Educação
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
CONSUNI	Conselho Universitário
DED	Departamento de Educação
EBD	Escola Bíblica Dominical
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EpV	Educar pra Valer
IES	Instituições de Ensino Superior
MEC	Ministério da Educação
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROLICEN	Programa de Apoio para Cursos de Licenciatura
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SD	Sequência Didática
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UVA	Universidade Estadual do Vale do Acaraú

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1. foto da escola 1 com as professoras e a dona da escola.....	25
Figura 2. Turma do ano de 2016.....	29
Figura 3. Comemoração natalina, 2016.....	29
Figura 4. Turma de Licenciatura em Pedagogia, 2016.....	30
Figura 5. Alunos da turma de 2017.....	31
Figura 6. Atuando em sala de aula no trabalho.....	31
Figura 7. Alguns alunos da turma, 2018.....	31
Figura 8. Professora e aluna.....	31
Figura 9. Volta às aulas em 2021.....	33
Figura 10. Turma de 2022.....	34
Figura 11. Primeira visita dos residentes na escola campo.....	49
Figura 12. Residentes no pátio da escola campo.....	49
Figura 13. Regência de aula na turma do 2º ano.....	60
Figura 14. Interação das residentes com os alunos do 2º ano.....	60
Figura 15. Imagem de atividade executada pelos alunos do 2º ano.....	61
Figura 16. Imagem de atividade executada pelos alunos do 2º ano.....	61
Figura 17. Imagem de atividade executada pelos alunos do 2º ano.....	61
Figura 18. Imagens de atividade executada pelos aluno do 1º ano.....	63
Figura 19. Imagens de atividade executada pelos aluno do 1º ano.....	64
Figura 20. Imagens de atividade executada pelos aluno do 1º ano.....	63
Figura 21. Momento de musicalização na turma do Pré II.....	64
Figura 22. Momento de reflexão da letra da canção.....	64
Figura 23. Momento de reflexão da letra da canção.....	64
Figura 24. Aluno executando a atividade.....	65
Figura 25. Aluna executando atividade.....	65
Figura 26. Aluno executando a atividade.....	65
Figura 27. Desenho de aluno.....	65
Figura 28. Desenho de aluno.....	65
Figura 29. Desenho de aluno.....	65
Figura 30. Alunas pintando o Globo Terra.....	67
Figura 31. Aluna executando pintura.....	67
Figura 32. Globos Terra pintados.....	67

Figura 33. Aluno desenhando no Globo Terra.....	67
Figura 34. Aluno desenhando no Globo Terra.....	67
Figura 35. Atividade concluída do desenho no Globo Terra.....	67
Figura 36. Execução da atividade da “caixinha”.....	68
Figura 37. Execução da atividade da “caixinha”.....	68
Figura 38. Execução da atividade da “caixinha”.....	68
Figura 39. Cartaz das lixeiras.....	69
Figura 40. Aluno executando a atividade.....	69
Figura 41. Aluna executando a atividade.....	69
Figura 42. Atividade impressa.....	70
Figura 43. Aluno executando a atividade.....	70
Figura 44. Atividade realizada por um aluno.....	70
Figura 45. Aluna marcando sua mão no desenho da árvore.....	71
Figura 46. Aluno pintando a mão.....	71
Figura 47. Atividade de construir a árvore concluída.....	71
Figura 48. Aluna executando a atividade.....	71
Figura 49. Atividade colada no caderno.....	71
Figura 50. Aluno mostrando a atividade.....	71
Figura 51. Alunos mostrando a experiência.....	72
Figura 52. Aluna executando a experiência.....	72
Figura 53. Aluna executando a experiência.....	72
Figura 54. Aluna com a árvore produzida.....	72
Figura 55. Aluna com a árvore produzida.....	72
Figura 56. Aluno com a árvore produzida.....	72
Figura 57. Momento de diálogo.....	73
Figura 58. Produção “jogo da velha”.....	74
Figura 59. Aluna observando a produção do “jogo da velha”.....	74
Figura 60. Aluna segurando “jogo da velha”.....	74
Figura 61. Alunos brincando com o “jogo da velha”.....	74
Figura 62. Alunos brincando com o “jogo da velha”.....	74
Figura 63. “jogo da velha”.....	74
Figura 64. Horta da escola campo.....	75
Figura 65. Horta da escola campo.....	75
Figura 66. Horta da escola campo.....	75

Figura 67.Recreação dos alunos.....	75
Figura 68. Recreação dos alunos.....	75
Figura 69. Recreação dos alunos.....	75
Figura 70. Aluno executando atividade.....	75
Figura 71. Aluno executando atividade.....	75
Figura 72. Aluno executando atividade.....	75

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>1. UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: BREVES APONTAMENTOS.....</b>	<b>17</b>
1.1 Um encontro da professora leiga com a formação docente: um breve passeio pela minha trajetória escolar.....	22
<b>2. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....</b>	<b>34</b>
2.1 Subprojeto Pedagogia UFPB-Campus IV.....	37
2.2 A formação docente e a prática pedagógica: os saberes das experiências...	41
<b>3. A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>45</b>
3.1. A escola campo e as salas de aula: formação, imersão e ambientação.....	47
3.1.1 Atuando no Módulo I (2º ano Ensino Fundamental I).....	51
3.1.2 Atuando no Módulo II (1º ano Ensino Fundamental/ Pré II Educação infantil.....	53
3.2 A formação de professores passando por dentro da profissão: convivência com professores da sala de aula.....	57
3.3 A construção social da profissão docente: vivências que refletiram em experiências.....	58
3.3.1. Vivência com a turma do 2º ano (Ensino Fundamental I- Módulo 1):.....	59
3.3.2. Vivência com a turma do 1º ano (Ensino Fundamental I–Módulo 2):.....	62
3.3.3. Vivência com a turma do Pré II (Educação Infantil):.....	63
3.4 As contribuições das experiências no programa residência pedagógica na minha formação docente.....	76
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>80</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>86</b>

## INTRODUÇÃO

Antes de traçar os objetivos dessa pesquisa, necessariamente não quis trazer a abordagem da minha carreira profissional, mas me fiz uma pergunta chave: “O que dois módulos de participação na residência pedagógica podem promover na formação docente de uma pessoa que tem quase 10 anos trabalhando em salas de aula?”. Ao responder essa pergunta a mim mesma, a narrativa autobiográfica teve mais sentido.

Por isso foi necessário uma reformulação das indagações e objetivos antes traçados no meu Projeto de Pesquisa. Assim, delimiti como problemática da pesquisa: “Quais contribuições as experiências no Programa Residência Pedagógica (PRP) promoveram na minha formação docente?”, e busquei apresentar ao longo deste trabalho as respostas das seguintes perguntas: 1. O que uma narrativa autobiográfica proporciona ao meu processo de formação docente?; 2. Em que sentido os saberes e experiências contribuem para a formação docente?; 3. Qual a importância de relacionar a teoria e a prática na construção da identidade docente?. Procurei responder estas perguntas ao escrever e refletir sobre minhas memórias recentes, trazendo as minhas experiências e perspectivas em torno da trajetória que percorri enquanto integrante da Residência Pedagógica e também ao longo da minha formação.

Nesse sentido, no primeiro capítulo do texto trago os desdobramentos da pesquisa, isto é, o porquê da escolha de uma narrativa autobiográfica, a minha autobiografia profissional, autores referenciais e os procedimentos metodológicos que subsidiaram este estudo.

No segundo capítulo é introduzido o referencial teórico, que tem por base documentos e resoluções da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que regem o Programa Residência Pedagógica e o subprojeto de Pedagogia - CAMPUS IV. Também são utilizados os sites oficiais que trazem as informações devidas sobre a Universidade Federal da Paraíba - Campus IV e autores que abrangem a formação docente em aspectos relacionados aos saberes experienciais, destacando a importância da relação da teoria e a prática no processo do curso de licenciatura.

E no terceiro capítulo trago as vivências na escola campo, nas salas de aula, a convivência com as professoras, pontuando os processos de imersão,

ambientação e regências de aula, atribuídas aos relatos da minha experiência no PRP, pontuando também as contribuições e introduzindo as regências de aula na escola campo. Ainda, trago com especial atenção às narrativas de uma regência de aula que me marcou durante o processo de planejamento e aplicação da aula, pontuando um comparativo do que estabelecia na minha rotina de trabalho com a rotina no PRP. Por fim, o capítulo se encerra nos resultados da pesquisa, levando-nos às considerações finais e ao apêndice que, por sua vez, traz a Sequência Didática (SD) que foi produzida e aplicada durante o período de intervenção.

## 1. UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA: BREVES APONTAMENTOS

O referente texto trata-se de uma pesquisa autobiográfica, centralizada em narrativas e memórias pessoais, constituída a princípio para introduzir o cotidiano escolar como uma ponte dos conhecimentos obtidos durante o curso de Pedagogia com a prática exercida em sala de aula para a constituição de um vínculo entre teoria e prática. Para alcançar o principal objetivo da minha pesquisa, foi preciso vincular no processo de minha aprendizagem enquanto cursista de Pedagogia (UFPB/CAMPUS-IV) as contribuições das minhas experiências no Programa Residência Pedagógica (PRP), bem como os relatos de minha trajetória na carreira atuando como educadora, contextualizada como uma “professora leiga” em sala de aula.

A pesquisa é conduzida pela temática “As contribuições do Programa Residência Pedagógica para minha formação docente”, atribuindo minhas vivências e experiências como pontos norteadores no processo de desenvolvimento da pesquisa. Com isso, foi estabelecido o objetivo de buscar a compreensão das experiências adquiridas enquanto residente e relacioná-las com a minha formação docente e a minha experiência como educadora em escolas particulares.

A temática da pesquisa abordada já foi introduzida em monografias no âmbito de cursos da Universidade Federal da Paraíba, atribuindo o Programa Residência Pedagógica (PRP) como principal proporcionador de experiências de iniciação à docência. Nesse sentido, cito o trabalho monográfico de Claudia dos Santos (Pedagogia, UFPB - CAMPUS I), que traz em sua pesquisa uma autobiografia onde pontua o que viveu no PRP como experiência formadora e norteadora para a construção da sua identidade docente. A egressa não tinha nenhuma experiência de atuação em sala de aula além das vivências nos estágios supervisionados, portanto, viu na Residência Pedagógica um dos principais meios de vivenciar o âmbito escolar durante a formação.

Diferente do trabalho monográfico citado, ingressei no PRP contando com anos de experiência em sala de aula e é com isso que se estabiliza a dinâmica da minha pesquisa, uma vez que diferente da maioria dos estudantes de licenciatura que ingressam no PRP para adquirir experiências com as escolas e as salas de aulas, conto com as vivências da minha vida profissional para compreender o que

dois módulos de participação no PRP trouxeram como contribuição na minha formação docente.

Como já tenho experiência em escolas particulares, para aprimorar a minha formação docente sempre almejei ter a experiência na escola pública. Apesar dos estágios supervisionados, que são componentes curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia, promoverem aos discentes os primeiros contatos com a profissão docente nas escolas de educação básica nas redes públicas municipais, sempre quis vivenciar com maior intensidade o cotidiano escolar das instituições de ensino público.

A possibilidade de atuar na rede pública para agregar e potencializar minha formação docente veio através do Programa Residência Pedagógica, então abri mão de um dos horários de trabalho onde atuo como professora da rede particular de ensino para estar me dedicando ao programa em questão..

Ressaltando que o Programa Residência Pedagógica é voltado para a iniciação à docência, seu propósito está em promover estudantes de licenciatura, enquanto residentes, a ultrapassarem as limitações dos estágios supervisionados. Isso porque possibilita que os participantes se aprofundem nos estudos do Projeto Político Pedagógico das escolas e possam conviver no ambiente escolar e observar o trabalho do porteiro ao diretor, se introduzindo também no cotidiano dos alunos em sala de aula e conhecendo de perto a diversidade que compõe o corpo de alunado, bem como a convivência da família com a escola.

Além disso, vale destacar que o PRP torna possível uma visão mais ampla da realidade escolar do que um estágio curricular e evidencia o quão importante para formação docente é o contato com o âmbito escolar ainda durante a graduação para a construção de uma identidade profissional e de valores humanos, pois como defende Freire (1996, p.106): “Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.”, reflexão essa que mostra que o profissional docente não se resume ao seu ofício, ou seja, é um ser humano que busca melhorias como tal, melhorias estas que se refletirão em sua profissão, movendo-o a avançar em busca de aprimoramento de seu eu pessoal e profissional.

De acordo com Nóvoa (2009), o “ser professor”, é algo que não se separa daquilo que se é, e daquilo que se ensina, ou seja, o autoconhecimento também é refletido na formação e na prática docente, é significativamente uma construção de

auto-reflexão e auto-análise que permeia as ações que tramitam o progresso de uma identidade profissional e humanizada.

Ainda destacando a importância da imersão e atuação em sala de aula enquanto discente de licenciatura, é pertinente pensar a prática pedagógica colocada em ação como um meio para reflexão do que se é estabelecido em sala de aula, contemplando também os saberes obtidos pelas experiências que a prática produz aos saberes oriundos da formação profissional, onde os saberes da experiência são válidos uma vez que o próprio docente é o produtor e apropriador desse conhecimento (Tardif, 2008).

Constatai que o professor em sala de aula tem em suas mãos uma grande influência tanto para conduzir o processo de ensino e aprendizagem, como também para formar cidadãos atuantes, que possam construir e modificar o contexto no qual estão inseridos. E através do Programa Residência Pedagógica, pude averiguar de perto a importância do docente que desempenha com responsabilidade e vigor o seu ofício, mas também me deparei com maus exemplos, não cabendo a mim julgar ou questionar, apenas querer fazer diferente, me colocando no lugar do profissional atuante e me questionando sobre o que faria para resolver as diversas situações cotidianas que se colocavam naquele momento

Na busca de compreender o que o PRP contribuiu na minha formação docente, foi estipulada a prática pedagógica e a prática experiencial na docência, bem como a construção da narrativa autobiográfica, onde a autobiografia é utilizada como instrumento de pesquisa, mobilizando a escrita de si como um instrumento de formação. Para análise da minha experiência profissional e participação no Programa Residência Pedagógica (PRP), foram utilizadas as contribuições de autores como Nóvoa (2009), Pimenta (1999), Tardif (2008), Passeggi (2010), e também alguns apontamentos dos documentos norteadores da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no sentido de apresentar o Programa Residência Pedagógica (PRP).

A presente pesquisa busca compreender as contribuições na minha formação docente da experiência que vivenciei enquanto residente em uma escola pública da rede Municipal da cidade de Mamanguape-PB, consolidando o tempo de dois módulos específicos no Programa Residência Pedagógica (Módulo I, iniciado em novembro de 2022 e finalizado em maio de 2023 e Módulo II iniciado em maio de 2023 e finalizado em novembro de 2023, contabilizando cada um seis meses de

duração, atribuindo 135 horas para cada módulo) e refletindo sobre minha experiência como educadora em escolas particulares (contabilizando 9 anos e 11 meses até o presente momento), para obter o resultado esperado pelo objetivo geral da pesquisa a partir de uma perspectiva autobiográfica, reflexiva e narrativa, atribuída através de memórias atuais, decorridas de imersão, ambientação, observações, planejamentos e regências em sala de aula.

Conforme Catani (2005, p.32), “as escritas das obras autobiográficas que testemunham as relações pessoais com a escola podem ser útil como fonte para a elaboração da história da educação”, é nesse contexto autobiográfico, introduzindo as memórias individuais, que é ressaltada a importância da escrita das memórias como uma contribuição à formação docente, contextualizando a auto-formação.

Os procedimentos metodológicos deste trabalho foram pensados no intuito de descrever uma realidade por meio de uma perspectiva qualitativa, que para Minayo (2002) trata-se da abordagem de algo que não pode ser quantificado, mas traça o que se tem por concepção de crenças, valores e atitudes, uma realidade que condiz com o que está sendo pesquisado através de ações, introduzindo também no contexto bibliográfico, ao trazer documentos e resoluções como instrumentos de obtenção de dados específicos.

Para Passeggi (2010, p.104), “estamos constantemente a nos autobiografar, logo, narrar a própria vida é uma ação humana espontânea”. Nesse sentido, mediante a vivência das experiências, é cabível tirar contribuições de cada uma delas, sejam boas ou ruins. Posso destacar que na minha participação do Residência Pedagógica, por exemplo, houve um planejamento das práticas a serem concretizadas, mas durante as regências sempre aconteceram situações espontâneas na convivência em grupo, e também individualmente, que contribuíram na minha evolução pessoal e também profissional, então se narrar é um ato humano, aprender a se autobiografar é um efeito.

Na perspectiva de Passeggi (2010), são estabelecidos dois eixos onde enfatiza as realizações da prática de formação e os modos de escritas da narrativa, contextualizando o método de pesquisa na prática de formação do formador, a escrita e a prática de formação, ambos correlacionados para promover os modos de narrar e manter o foco no objeto de estudo, cujo está direcionado ao ato de narrar como dispositivo de formação, e reflexões do processo de formação e na inserção profissional.

Segundo a autora supracitada, há três principais linhas de investigação da pesquisa autobiográfica: a primeira viabiliza a construção da realidade do sujeito, a segunda mantém o alvo na linguagem como mediação para construir a realidade e a terceira pontua que a biografia antes de ser averiguada como conhecimento é um campo teórico para ser estudado na pesquisa, tratada como empírica, resultando em considerar o que a pessoa pensa de si própria, sobre sua realidade no mundo, sua maneira de agir e o que tem de conhecimento sobre sua história, ou seja, a narrativa sobre si mesmo vai além de dar informações sobre o que se sabe, é uma consolidação desenvolvida por descobertas, feitos que permitem ao escritor evidenciar suas experiências e transformá-las em conhecimento para pesquisa.

Na contextualização das narrativas autobiográficas, a introdução do processo de pesquisa-ação-formação é atribuída para reavaliações sobre si, portanto, é necessário ter a fundamentação precisa para garantir que o que está sendo escrito possa dar outros significados a vida, como uma autoprodução. As narrativas autobiográficas permitem ao escritor, no ato de escrever sobre si, uma autorreflexão de suas experiências existenciais, possibilitando também a construção de uma formação que pode ser refletida como ações educativas, dando um novo significado ao que foi autobiografado.

Como defendido por Passeggi (2010, p.123), “contar sua própria história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha.”, isto é, contar sua própria história é fazer novas descobertas sobre si, é trazer a tona até mesmo algo desconhecido para o escritor que viveu as experiências. Como bem pontua a autora supracitada, “a vida transformada em texto” contextualiza em maior atenção o que se passou despercebido na vivência.

Desde os primórdios das civilizações humanas há vestígios de autobiografias como, à título de exemplo, as pinturas rupestres, onde as primeiras civilizações humanas deixaram explícitas suas experiências pintando-as em paredes de cavernas ou em outros lugares, possibilitando que na contemporaneidade tais vestígios sejam utilizados como objetos de estudos de pesquisas para a nova civilização, permitindo a construção do conhecimento de como tais povos se comunicavam e viviam. Partindo disso, cabe reiterar que “narrar é humano, autobiografar é um processo civilizatório” (Passeggi, 2010, p.125), e foi nessa perspectiva que busquei na autobiografia a possibilidade de compreender minhas vivências e deixar explícito minhas experiências existenciais e profissionais.

Minha participação no PRP se desenvolveu através da imersão na escola-campo, observações, planejamentos e regências de aulas e anotações sobre a rotina das salas de aula. Assim, junto às professoras orientadoras, professoras preceptoras e aos demais residentes, se deu um conjunto de experiências que resultaram em contribuições significativas para minha formação docente.

Através de um diário de campo para anotações das observações, foi registrada a minha participação auxiliando a professora de sala no que me era permitido pela mesma; a construção de sequências didáticas interdisciplinares, onde se pontuava a necessidade da turma em sala de aula e a partir dessa necessidade era contextualizada uma temática principal para o desenvolvimento das atividades; e a sistematização do que era desenvolvido na escola pelos residentes.

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, à princípio busquei maior compreensão do contexto em que estava inserida e o que me foi proporcionado em atuação no PRP, mas no decorrer da pesquisa detectei uma lacuna que pôde ser preenchida com minha experiência profissional.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se fundamenta em minha trajetória como educadora em escola particular e na minha participação no PRP, e considero a compreensão desses fatores como o principal resultado da pesquisa por me promover uma reflexão crítica de minhas vivências.

### **1.1 Um encontro da professora leiga com a formação docente: um breve passeio pela minha trajetória escolar**

Na perspectiva de uma narrativa autobiográfica, construo meu percurso desde que me percebi na prática de ensinar, trazendo a reflexão o discurso de ter sido uma professora leiga, sem atributos e sem a noção da importância da formação docente, mas levando em consideração a confiança que me foi depositada por quem administrava as escolas que passei, as crianças e as famílias que faziam parte de cada escola, trazendo em memória o que me levou a ser educadora, traçando uma linha de tempo até o presente contexto estabelecido por essa pesquisa, afim de buscar e compreender no que de fato o Programa Residência Pedagógica contribui com a minha formação docente.

Ao contextualizar o termo “Professora leiga”, introduzo a concepção de Soares (2020): são chamadas professoras leigas aquelas que ingressam na carreira

magistral sem ter uma formação adequada para desempenhar tal função”, levando em consideração que este termo deu-se a partir de algumas lacunas na legislação associada ao crescimento referente da introdução de mulheres no magistério infantil, pontuando o ocasionado ao capitalismo e modificações direcionadas a moral e religião, que se originou na Europa XIV, e se refletiu no Brasil, cujo resultou em uma aceitação dessa mobilidade no século XX, para alguns tais mulheres eram classificadas como “mulheres despreparadas”, e “mulheres que deveriam cuidar dos pequenos”, para outros, mas apesar deste fato essas mulheres tiveram um papel muito importante para a educação em suas épocas, e também na atualidade.

Talvez eu esteja inserida nesse contexto, de uma maneira atemporal “revivi” um pouco do que foi contextualizado pelas “professoras leigas”, encarando a docência sem conhecê-la, com isso tenho a pretensão de introduzir o que vivi enquanto leiga na educação.

“O fato de não ter formação para exercer a profissão, não tirava o valor social desta função” (SOARES, 2020, p.113), é com essa perceptiva que mantenho esse período de atuação leigo como válido, pois em função como educadora cuidei e me dediquei a cada criança, me esforçando ao que me foi estabelecido, atribuindo de ensinar para meus alunos o que sabia (ler, escrever, contar, as quatro operações).

Trazendo as memórias do meu encontro com a docência, percebi que já estava praticando o ato de ensinar desde os meus 12 anos de idade (2008), atuando em minha antiga igreja (Assembleia de Deus Ministério do Guará/Mamanguape-PB), como auxiliar de professora da Escola Dominical para crianças, onde cooperava com o ensino bíblico das escrituras sagradas, com uma sala mista de crianças de 4 á 10 anos de idade, no entorno de 20 crianças, fazíamos nossas reuniões aos domingo das 9 ás 11 horas da manhã, em uma sala que ficava nos fundos da igreja (A sala atualmente não existe mais, pois a igreja foi reformada), onde utilizávamos de textos da Bíblia, com auxílio de revistas publicadas pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), com atividades escritas nos cadernos das crianças, com a dinâmica da oralidade e reflexões, onde as crianças conheciam e se entrosavam no evangelho, é interessante pontuar que a professora principal não possuía nenhuma formação acadêmica, e nem tinha um curso básico de Teologia, ela tinha apenas terminado o 1º Grau (atualmente Ensino Médio) e a experiência de

ter trabalhado em sua casa por alguns anos alfabetizando crianças do seu bairro, uma dessas crianças era eu.

Como leigas na docência e também na Teologia, contávamos com o aprendizado obtido nas reuniões e dos ensinamentos do nosso pastor da época (2008), para estar instruindo tais crianças nos ensinamentos bíblicos, com o passar de alguns anos (2010), aos 14 anos obtive mais experiências e assumi a Escola Bíblica Dominical (EBD), com as crianças da igreja, mantinha os mesmos métodos com reuniões, reflexões, leituras de textos bíblicos e auxílio de atividades e revistas bíblicas (CPAD). No ano de 2012, aos 16 anos, tive meu afastamento da EBD, por ser um trabalho voluntário, e por ter passado alguns anos, era preciso abrir o espaço para outras pessoas atuarem também.

Em preservação das identidades dos terceiros que fizeram parte da minha trajetória escolar, não serão mencionados nomes das pessoas, e das respectivas escolas em que trabalhei, apenas serão classificadas como escola 1, e escola 2, e as fotos introduzidas terão os rostos cobertos, assim apenas estabeleço a cidade/estado, e o bairro das localidades das escolas, onde construí minha trajetória.

Nessa linha de tempo (2008 á 2012) estava mantendo meus estudos na escola, e em 2013 termino o ensino Médio, onde presto o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no intuito de ingressar em qualquer curso universitário, mas não obtive pontuação necessária para o ingresso na Universidade Pública, no ano seguinte, de 2014, com 18 anos de idade, e com o Ensino médio terminado precisava trabalhar.

Com o Ensino Médio concluído tinha a necessidade de um trabalho, onde uma amiga que trabalhava em uma escola de reforço do nosso bairro (Areal, Mamanguape-PB), precisou se afastar da escola por motivos de saúde, e por ter conseguido ingressar na universidade, me indicou para ocupar a vaga na de professora na escola 1.

A escola 1, em questão não possuía as devidas documentações para o funcionamento do espaço escolar, apenas a dona da escola possuía o curso profissionalizante do magistério (assim a própria denominava), ela era muito reconhecida no bairro por ter trabalhado muitos anos com reforço escolar, na alfabetização de crianças, a mesma também era merendeira de uma escola Municipal, no mesmo bairro.

A respeito da estrutura da escola 1, era um ambiente pequeno onde se dividia em dois espaços, um espaço destinado para uma turma de criança de reforço escolar do 1º ao 5º ano, onde recebiam auxílio de suas atividades trazidas da escola principal, e também recebiam auxílio na prática de leituras, o outro espaço era destinado para crianças de 3 á 5 anos de idade, atribuídas a Educação Infantil.

No ambiente contava com mesas e cadeiras, dois quadros, prateleira para livros, tinha um banheiro, e um espaço destinado para recreação, localizado na frente da escola, a estrutura da escola 1, era ao lado da casa da dona da escola (atualmente a escola não existe mais), seu funcionamento era pela manhã das 8 horas às 11 horas, e no turno da tarde de 13 horas às 16 horas, na época (2014), a escola contava com em torno de 40 á 50 alunos, pontuando os seus dois horários de funcionamento, e também contava com duas professoras, uma para o horário da manhã e outro da tarde, e a dona da escola também dava aulas.

Imagem 1: foto da escola 1 com as professoras e a dona da escola



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

A princípio fui trabalhar na escola 1 ,destinada a auxiliar as crianças de reforço em suas atividades e também no auxílio de práticas leitura, mas devido a experiência que tive com crianças na Escola Bíblica da igreja, a proprietária da escola me deixou com a responsabilidade de ensinar e cuidar das crianças menores de 3 á 5 anos de idade, e a própria tomou conta da turma do reforço escolar das crianças do 1º ao 5º ano, pelo turno da manhã.

No turno da tarde a outra professora se responsabilizava pela demanda do reforço escolar, e das crianças pequenas (de 3 á 5 anos), no turno da manhã tinha mais crianças em torno de 30 á 35 crianças, no turno da tarde tinha em base 20 á 15 crianças, não se estima a quantidade exata pois não se tinha um controle da quantidade de matrículas, e sempre tinha ingressos e saídas de alunos, com isso não se tinha esse controle da quantidade exata dos alunos.

No cotidiano da rotina escolar, iniciava as aulas ás 8 horas da manhã, fazia a “oração dominical”, em seguida cantigas de boas vindas, e iniciava as atividades com as crianças, utilizava no decorrer da semana cinco cadernos para escrita das atividades (pontuando 2 cadernos para atividade de casa, e outros 2 cadernos para atividade de classe, e 1 caderno de Artes), semanalmente dividíamos a segunda-feira e a quarta-feira para atividades de português, e a terça-feira e quinta-feira para as atividades de Matemática, e na sexta-feira era utilizado o caderno de artes, as atividades eram criadas por mim, não possuía planejamentos de aula para o dia a dia, e de fato nem imaginava o que era um planejamento, e não tinha o conhecimento de como construir um, na perspectiva de planejamento de que tenho atualmente.

Para atividades de português onde era trabalhado como conteúdos de ensino e aprendizagem as vogais, o alfabeto, e família silábica, para as atividades de matemática eram trabalhado no processo de ensino e aprendizagem os números, contagem, formas geométricas, e no caderno de artes, sempre utilizado na sexta-feira, onde desenhava diversas figuras para as crianças pintarem, seguindo a rotina, após as atividades feitas, onde as crianças só copiavam, tínhamos o horário do lanche ás 10 horas da manhã, e terminando o lanche tinha o momento de recreação onde as brincavam livremente, e a preparação de ir para casa.

Ao ingressar na escola 1, tive dificuldades para me habituar a rotina e aos alunos, pois não recebia o suporte suficiente para os devidos cuidados com as crianças pequenas, e era totalmente diferente do que vivenciei na igreja (EBD), pois tinha que de fato que ensinar as crianças a escreverem e conhecerem as letras, números, famílias silábicas, e também a rotina de cuidar das crianças pequenas, limpa-las ao fazerem suas necessidades, no horário do lanche algumas crianças precisavam de auxílio para comer, foi um ingresso a princípio assustador, mas no decorrer dos dias, as crianças se apegaram a mim, a dona da escola sempre me deu dicas de como fazer para lidar com a rotina e conseguir me entrosar e pegar o

gosto de fato pelo que estava fazendo, ganhei a confiança da dona da escola, e dos pais dos alunos, e segui em frente.

Na escola 1, sempre fazíamos festas para as datas comemorativas (dia das mães, o São João, dia das crianças, passeios para lugares de lazer, comemorava o Natal), também eram feitas “provinhas” semestrais para as crianças pequenas intituladas “avaliações juninas”, no mês de junho, e “avaliações Natalinas”, no mês de dezembro, abordando o que os alunos desenvolviam nas atividades cotidianas em seus cadernos de atividades.

No ano seguinte (2015), Fui convidada a permanecer na escola 1, e aceitei, dessa vez fiquei novamente no horário da manhã mas com uma responsabilidade maior de tomar conta das crianças do reforço escolar (1º e 5º ano), e das crianças pequenas (3 á 5 anos), nessa mistura de alunos tinham em torno de 17 crianças, de idades variadas (de 3 á 10 anos de idade), com isso estabeleci uma rotina para atender as demandas dos alunos, onde ao iniciar as aulas fazia atividades para as crianças do reforço escolar para copiarem do quadro, enquanto deixava as crianças menores brincando com os brinquedos que traziam de casa, enquanto as crianças do reforço resolviam as atividades aplicadas sozinhas, eu dava o suporte às crianças pequenas, o horário do lanche às 10 horas, todos lanchavam no mesmo horário, no momento de recreação das crianças pequenas deixava elas brincando, e dava continuidade no suporte dos alunos do reforço.

No decorrer do ano houve algumas perdas de alunos, da parte do reforço escolar, a princípio tinha sete crianças, ficaram duas, apesar do termo “perda” representar prejuízo, para mim facilitou mais meu trabalho na rotina com as crianças, onde permaneceram doze alunos no total, do meu turno da manhã.

Apesar de não ter o devido conhecimento do que era fazer um planejamento de aula, não saber utilizar da didática, ou manusear as habilidades e campos da aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e também não saber utilizar atividades lúdicas para a aulas, sempre me esforçava nos cuidados devidos com as crianças, e de passar para elas o que era designado pela dona da escola, e o que aprendi com a mesma.

Com meus esforços ganhei créditos e “fama” no meu bairro (Areal), onde também há uma outra escola (2), com os mesmos parâmetros da escola 1, já relatada, mas tinha uma estrutura um pouco maior, nesse mesmo ano (2015), na referente escola 2, precisava de uma professora de reforço escolar para o horário da

tarde, uma colega que trabalhava na escola 2, em questão, faz a minha indicação para ocupar a vaga, e a diretora e dona da escola me convida para um período de experiência, e eu aceitei.

No mês de maio (2015), inicio minha experiência na nova escola 2, (essa escola 2, como a outra (1), não possuía os devidos registros para seu funcionamento, mas a escola atendia crianças de reforço escolar do 1º ao 5º ano, e também a educação infantil, crianças pequenas de 2 anos e 6 meses á 5 anos de idade, contava com oito professoras, contando os dois horários de funcionamento, e cerca de cem alunos, também contabilizando os dois horários de funcionamento, pontuando que nessa escola 2, as professoras não possuíam formação, e a seleção para professoras trabalharem era feita a princípio se a pessoa tinha filhos, por questões de ter paciência e cuidados com as crianças, e também simpatia e carisma para lidar com o público alvo, e saber escrever e ler corretamente, então as professoras tinham apenas o ensino médio completo, e apenas minha referente colega que fez minha indicação, estava ingressando no curso de Licenciatura em Pedagogia).

A estrutura da escola 2, contava com 4 salas de aula, algumas delas possuíam banheiros para as crianças pequenas, e tinha o banheiro para as crianças do reforço escolar utilizarem, em cada sala possuía as cadeiras e mesas necessárias para os alunos, com quadro, birô para professora, e como na primeira escola mencionada, seguia a mesma rotina de atividades para crianças pequenas, e o auxílio do reforço escolar com as crianças, a diferença era que na escola 2, se mantinham as crianças separadas devidamente pela faixa etária de idade, e as professoras das crianças pequenas contavam com auxiliar de sala.

Passei pela experiência do reforço escolar, e permaneci na escola 2, no mesmo ano tivemos perda de alunos e tivemos que juntar duas turmas em uma única, onde fiquei como auxiliar da turma, com crianças de 5 anos e algumas crianças para reforço escolar na mesma faixa etária de idade, e também continuei trabalhando na outra escola 1, no horário do turno da manhã, não tive problemas em manter os serviços nas duas escolas, me aprimorei mais na experiência no que estava me designado, pois ambas mantinham a mesma rotina de atividades, e o mesmo cotidiano nos referentes horários.

Me sentia muito privilegiada, por trabalhar nas duas escolas particulares do meu bairro, as pessoas me reconheciam, e por onde eu passava nas ruas, sempre

ouvira “oi tia Paula”. Não era uma rotina fácil, e o pagamento não era compatível com os meus esforços em cada escola, mas me mantive no objetivo de cumprir minhas demandas, pois já estava habituada, e convencida que era aquilo que eu queria seguir pelo resto da vida.

No ano seguinte (2016), sai da primeira escola 1, e permaneci na segunda escola 2, trabalhando pela manhã como auxiliar de uma professora, com crianças de 4 anos, e no horário da tarde assumi uma turma de crianças pequenas com 2 á 3 anos de idade, na parte da tarde assumi uma sala sozinha com 9 crianças, assim mantinha o trabalho, como auxiliar no turno da manhã, enquanto a professora titular fazia as atividades com os alunos, ela chamava de 2 em 2 alunos a sua mesa para fazerem as atividades no caderno, onde apenas copiavam letras e números, e eu olhava as outras crianças, levava ao banheiro que era dentro da sala, dava água, guardava os cadernos para levarem para casa nas bolsas, dava o lanche, e no horário da tarde, estava sozinha fazia as duas funções, de professora e auxiliar, e ainda trocava fraldas das crianças.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Nesse mesmo ano (2016) , busco uma formação, presto vestibular pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), para o curso de licenciatura em Pedagogia, apenas com o objetivo de ter a certificação, pois na minha mente tinha a concepção de que já sabia o que era ser um professor, e dou inicio a minha vida acadêmica, no mês de junho de 2016, cursei algumas disciplinas curriculares (filosofia, sociologia, Pesquisa Educacional, psicologia, Metodologia do Trabalho Científico), até o ano de 2017, passei 1 ano e seis meses na instituição, onde fiz o trancamento da matrícula,

e não tive aproveitamento nenhum do que foi estudado, e também não me interessei em aproveitar, pelo motivo de não ter me identificado com o curso e achar que o que foi estudado não servia para meu trabalho como educadora.

Imagem 4: referente a turma de Licenciatura em Pedagogia, 2016



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Nesse período de tempo, fui desafiada por algumas pessoas do meu meio de convívio social, com a fala de que: “quem forma professores de verdade é a UFPB”, onde levei esse comentário para o lado pessoal, e pela terceira vez, em outubro de 2017, prestei o ENEM, (na primeira vez que prestei o ENEM queria ingressar em qualquer curso na Universidade Federal, na segunda tentativa gostaria de ingressar no curso de História, mas na terceira vez encarei como algo pessoal e ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia Pela Universidade Federal da Paraíba-CAMPUS/IV).

Neste ano 2017, a escola 2, em que trabalhava, passou por uma “crise” e houve perda de alunos, fiquei parada sem trabalhar, e recebo uma proposta de uma colega para ajudar uma conhecida dela com reforço escolar, e aceitei, passei 2 meses ajudando essa pessoa em questão, auxiliando crianças do 1º ao 6º ano em suas respectivas atividades escolares, durante esse curto período de tempo, e volto novamente para a escola 2, para trabalhar apenas o horário da manhã com uma turma de crianças pequenas de 2 á 3 anos de idade, a escola 2, sempre manteve a mesma dinâmica do princípio.

Imagem 5: Alunos da minha turma, 2017



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No ano seguinte (2018), continuo na mesma escola 2, no turno da tarde, com uma turma de 12 crianças na faixa etária de 3 á 4 anos, continuo com o mesmo engajamento e rotina inicial, já mencionada, não buscava inovações para sala de aula, apenas executava o que era me designado pela diretora da escola, isso se repetia nas outras salas da escola 2.

Imagem 6: Atuando em sala de aula no trabalho



Imagem 7: Alguns alunos da turma, 2018



Imagem 8: Professora e aluna



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No mês de junho de 2018, início meu curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba-CAMPUS/IV (UFPB), considero o divisor de águas da minha vida profissional, no decorrer do curso aprendi o que eram os documentos que regiam a educação no Brasil (as Leis de Diretrizes Curriculares, conheci a Base Nacional Comum Curricular, entre outros documentos norteadores),

aprendi o que era um Planejamento de aula, a didática e seus benefícios, aprendi a enxergar a educação como uma arma que pode mudar as pessoas e transformar o mundo, enfim, no decorrer dissertativo será pontuado mais fatores essenciais do curso de Pedagogia em minha vida profissional e pessoal.

Mas apesar de ter aprendido tanto, não tinha espaço para produzir e pôr em ação o que estava adquirindo em conhecimento, o espaço onde trabalhava não permitia, pois já tinha tudo designado pela direção da escola, e nos estágios supervisionados curriculares eram experiências de momentos, que não tinham o retorno de ver meu avanço com os alunos.

No ano seguinte (2019), novamente, por motivos pessoais sai da escola 2, em que estava trabalhando, e vou ajudar uma amiga em sua escolinha de reforço escolar, auxiliando crianças da Educação Infantil ao 7º ano com suas atividades escolares, e permaneço até findar o ano, continuo cursando Pedagogia, mas não tenho o espaço para estabelecer a prática do que estava aprendendo na teoria.

No ano de 2020, recebi o convite para retornar a escola 2, e volto, em seguida temos a parada geral das aulas nas escolas, devido a pandemia do Covid-19 (Corona vírus), e para mim não ficar sem trabalhar, abro um reforço escolar na garagem da minha casa, onde recebia 8 crianças pelo horário da manhã de 9 horas às 11 horas (do 1º ao 6º ano), onde apenas ajudava elas a responderem as atividades das aulas remotas.

No decorrer do mesmo ano a diretora da escola 2, reabre a escola, mesmo na pandemia (Covid-19), e eu e algumas professoras vamos dar aula na escola presencialmente com alguns alunos, apesar dos riscos de saúde, a necessidade financeira chegou, e também muitas famílias não conseguiam dar o devido suporte às suas crianças para manter a aprendizagem, e eu fico dando aula no horário da manhã na garagem da minha casa e no horário tarde na escola 2, até o ano de 2021, quando as aulas presenciais são retomadas.

Imagem 9 : volta às aulas presenciais, no ano de 2021.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Os estágios supervisionados tiveram uma parada presencialmente também durante a pandemia (covid-19), ainda consegui ir a campo no Estágio Supervisionado com a Gestão Escolar, apenas com entrevistas e breves acompanhamentos com uma diretora de uma escola Municipal de Itapororoca-PB, e com a retomada das aulas municipais, consegui realizar o Estágio Supervisionado do Ensino Fundamental 1, em uma turma do 2º ano, presencialmente em uma escola municipal na cidade de Rio Tinto-PB, mas mesmo assim não me era introduzido a oportunidade de viver a escola, em todos seus aspectos possíveis.

No ano de 2022, ainda trabalhando na mesma escola 2, pela manhã e pela tarde em turmas mistas da Educação Infantil, com os mesmos fatores já mencionados, tive o conhecimento pela Professora Valdenice Resende, que eu poderia atuar no Programa Residência Pedagógica (PRP), nesse período conheci de fato o PRP e tudo o que o envolvia, e vi as possibilidades de colocar a teoria em prática, e agarrei a oportunidade de suprir essa minha vontade, posso chamar até de uma necessidade de viver de fato a escola, antes de terminar o meu curso de Pedagogia.

Me ausentei do horário da manhã da escola 2, em que trabalho, fiz minha carta de intenção para está participando do Programa, vinculado ao Subprojeto Campus/IV, e um plano de Regência de aula, fui aprovada em 1º lugar, e estou atuando, vivendo a escola e adquirindo a experiência que tanto almejava.

Atualmente continuo trabalhando na escola 2 (A escola 2, está no processo da busca pela documentação necessária, para o processo de registro, e as professoras que trabalham nela algumas já estão formadas, e outras em formação),

atuando com uma turma de crianças da educação infantil, na faixa etária dos 4 anos, com 22 alunos, ainda não tenho a oportunidade no meu emprego de pôr em prática o que adquiri de conhecimentos na universidade, mas sou uma professora melhor, através do curso de Pedagogia.

Imagem 10: referente a turma do ano de 2022.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Ao escrever e refletir sobre minha trajetória onde me pontuo como professora leiga, ingressante em duas licenciaturas em Pedagogia (desistente de uma, concluindo a outra), como professora em formação, traçando uma linha de tempo de quase 10 anos atuando em sala de aula em escolas particulares, e ministrando reforço escolar, fui indagada enquanto residente: “de como dois módulos de atuação no Programa Residência Pedagógica (PRP) contribuirão na minha formação docente”, pois seguindo uma lógica de que os estudantes de licenciatura ingressam no PRP para viver a escola e obter as experiências, que perpassam os Estágios Supervisionados, no tocante ao contexto que me envolve, já ingressei no PRP como professora que já atuava na docência, e como estudante de licenciatura já tinha concluído a maioria dos componentes curriculares dos Estágios Supervisionados, concluindo apenas o estágio na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), e na Educação Infantil (fiz o aproveitamento com o PRP), é a partir das reflexões da minha atuação em sala de aula, que conduzo a compreender o que vivi no Residência Pedagógica, e o que resultou como contribuição na minha formação docente.

## 2. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

O Programa Residência Pedagógica (PRP) é um Programa da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES), que constitui o PRP pelo estatuto aprovado pelo Decreto nº 8.977, de 30 de janeiro de 2007, induzindo o acompanhamento da formação inicial e continuada dos profissionais da educação e também programas que apoiam a pesquisa no campo da educação, englobando professores da educação básica e promovendo o desenvolvimento humano e sustentável do Brasil.

Levando em consideração a política nacional de formação docente, instaurada pelo processo nº 23038.001449/2018-36 da Lei nº 8.666 de 21 de junho de 1993 dos Projetos Institucionais de Residência Pedagógica, o PRP é regulamentado pela Portaria GAB nº 82, de 26 de abril de 2022, que tem por objetivo estimular projetos institucionais de residência pedagógica realizado em instituições de Ensino Superior, colaborando com o aprimoramento da formação docente dos futuros profissionais da educação básica, viabilizando a construção da identidade docente dos licenciandos enquanto residentes, fomentando a valorização das experiências dos professores da educação básica e estimulando a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências adquiridas com as vivências na escola. Por meios de editais da CAPES, são estabelecidas as participações de Instituições de Ensino Superior e por meio dos subprojetos implantados nas IES os discentes atuam como residentes nas escolas de educação básica, visando, junto às escolas de educação básica, contribuindo ao licenciando em :

I - fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; II - contribuir para a construção da identidade profissional docente dos licenciandos; III - estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; IV - valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; e V - induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula (Edital CAPES, 2022, p. 2).

O referente Programa é instituído nas Instituições de Ensino Superiores (IES), abrangendo uma variação de parâmetros pedagógicos, contribuindo na formação docente em aspectos sociais, políticos, culturais e técnicos, estabelecendo

a ligação da formação inicial com a continuada, estimulando o desenvolvimento reflexivo através do processo dialógico entre docentes orientadores, preceptores e alunos residentes, bem como promovendo o encontro da Universidade com as escolas de educação básica.

No edital oficial viabilizado pela CAPES, são oferecidas vagas para bolsistas e voluntários, onde, na inscrição, é solicitado que os discentes interessados submetam uma carta de intenção sobre suas pretensões para participar do Programa, seu conhecimento a respeito do mesmo e também a construção de uma regência de aula com base nos campos e habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Das modalidades e valores de bolsas ofertadas pelo PRP, têm-se:

1. Residente: para discentes com matrícula ativa em curso de licenciatura que tenham cursado o mínimo de 50% do curso ou que estejam cursando a partir do 5º período, no valor de R\$700,00 (setecentos reais);
2. Coordenador Institucional: para o docente da IES, responsável pela execução do projeto institucional de Residência Pedagógica, no valor de R\$ 2.100,00 (dois mil e cem reais);
3. Docente Orientador: para docente da IES responsável por planejar e orientar as atividades dos residentes de seu núcleo de residência pedagógica, no valor R\$2.000,00 (dois mil reais);
4. Preceptor: para professor da escola de educação básica responsável por acompanhar e orientar os residentes nas atividades desenvolvidas na escola-campo, no valor R\$1.100,00 (um mil e cem reais) (Gov.br/capes, 2023).

A Residência Pedagógica tem por referência a residência médica que, por inserir os estudantes de medicina nos hospitais para vivenciar a profissão na prática do âmbito hospitalar diariamente, a inspirou no que se refere ao estabelecimento da residência na formação docente acompanhando e vivenciando o cotidiano escolar e nos procedimentos educacionais inseridos em sala de aula pelos professores (FARIA, 2018).

Através de formação, imersão, ambientação, observação em sala de aula, planejamentos e regências de aulas, são direcionadas as atuações dos residentes na escola-campo, induzindo os estudantes de licenciatura a viverem as mais variadas experiências diárias que ocorrem no ambiente escolar.

É notória a contribuição direta que o Programa Residência Pedagógica tem para a formação docente nas Universidades, colaborando com os alunos de licenciatura e lhes possibilitando, enquanto estudantes, estarem atuando e

participando nas atividades pedagógicas escolares, trilhando o desenvolvimento na prática formativa da docência na educação básica, bem como emergindo em um plano de ação com observação, planejamento de atividades e intervenção pedagógica.

## **2.1 Subprojeto Pedagogia UFPB-Campus IV**

No âmbito da Universidade Federal da Paraíba - CAMPUS IV (UFPB), localizada nas cidades de Mamanguape-PB e Rio Tinto-PB, e mais especificamente no Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE), são ofertados onze cursos de graduação, que são eles: Administração, Sistemas de Informação, Ecologia, Design, Antropologia, Ciências Contábeis, Secretariado Executivo Bilíngue, licenciaturas em Ciências da Computação, Matemática, Pedagogia e Letras, além de três programas de pós-graduação e duas especializações.

A respeito da criação do Campus IV no Litoral Norte paraibano, seu projeto foi idealizado no ano de 2005 pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) juntamente com o Programa “Expandir”, e no ano de 2006 o Ministério da Educação (MEC) aprovou o projeto que constituía sua criação pelo Conselho Universitário (CONSUNI). Em suma, a implementação do Campus IV tinha como principal objetivo atender as necessidades da região em aspectos educacionais, culturais, sociais e econômicos, contribuindo para o desenvolvimento do Vale do Mamanguape.

O Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAIE) integra o Departamento de Educação (DED), uma organização orgânica de ensino, pesquisa e extensão com a função de administrar todas as licenciaturas do CCAIE, se articulando com os outros departamentos e coordenações de cursos e contribuindo diretamente na formação dos profissionais da educação.

No âmbito do DED está consolidado o tripé universitário, isto é, os Projetos de Ensino, Projetos de Extensão e os Programas de Licenciatura (PROLICEN), que conta com a atuação de dezesseis professores inseridos nas áreas de organização do trabalho pedagógico, ensinos e fundamentos, atua na produção e socialização do conhecimento.

No Departamento de Educação da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, está o curso de Licenciatura em Pedagogia, que tem como finalidade a formação de professores para atuação na Educação Infantil (creches e pré-escolas),

Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), Educação de Jovens e Adultos (Alfabetização como Anos Iniciais do Ensino Fundamental), nas atividades de gestão educacional, em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, em espaços não escolares. O curso engloba a formação teórica e prática, envolvendo os âmbitos do ensino e da aprendizagem nas ações e atividades voltadas às diversas áreas da sociedade e leva em consideração o trabalho pedagógico na administração do processo educativo articulando ambientes escolares e não escolares.

Assim, o curso de Pedagogia do Centro de Ciências Aplicadas e Educação da Universidade Federal da Paraíba forma um profissional crítico, com sólida formação teórica e prática, capaz de diagnosticar problemas e apresentar soluções no campo da educação, garantindo o desenvolvimento dos saberes, competências e habilidades necessárias à atuação do pedagogo, respeitando as especificidades dos sujeitos participantes dos processos educacionais nos espaços onde vai atuar (Projeto Político Pedagógico-PPP, Licenciatura em Pedagogia, UFPB/CAMPUS-IV, RESOLUÇÃO N° 14/2019)

Ao introduzir o contexto que envolve o curso de Pedagogia (UFPB-CAMPUS IV), viabilizando promover e desenvolver conhecimentos, é importante frisar a partilha de saberes entre professores e alunos, onde é promovida a dinâmica de uns aprenderem com os outros e o professor se caracteriza como principal mediador da relação entre a educação e os âmbitos sociais. O corpo docente do curso é formado por professores Mestres e Doutores, qualificados para a ministração de aulas e mediação dos estudantes no espaço acadêmico. Por sua vez, o corpo de alunos, no atual período letivo (2023.1), conta com 246 (duzentos e quarenta e seis) discentes regularmente matriculados.

No decorrer do curso são ofertadas disciplinas distribuídas na composição curricular que constituem conteúdos básicos profissionais, prática pedagógica, conteúdos complementares obrigatórios, optativos e flexíveis, e ainda seis disciplinas voltadas aos estágios supervisionados para a Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Gestão Escolar e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nos estágios citados, os discentes se integram às escolas como estagiários através de cartas de apresentação, realizam a coleta de informações da escola campo e realizam regências de aulas e intervenções de acordo com as necessidades observadas em sala de aula.

O curso de Licenciatura em Pedagogia ainda conta com um Laboratório Pedagógico, intitulado LABOPED, onde são depositados diversos instrumentos pedagógicos (material dourado, alfabeto móvel, dentre outros) e obras da literatura infantil que podem ser utilizados pelos estudantes nas regências de aulas dos estágios supervisionados. Além disso, o laboratório possui infraestrutura adequada para estudos e disponibiliza o acesso das monografias dos concluintes do curso.

A formação no curso tem como requisito obrigatório a produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), onde através de uma temática específica é realizada uma pesquisa e construída uma monografia para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Ademais, no decorrer do curso são oferecidas aos estudantes diversas oportunidades de irem além dos muros da universidade através de programas institucionais de iniciação à docência, como o Residência Pedagógica, introduzido através do subprojeto de Pedagogia que tem por finalidade promover uma ligação entre o Programa Residência Pedagógica com o Estágio Supervisionado Curricular, associando os objetivos de viabilizar a regência em sala de aula, a intervenção pedagógica e, entre outras atribuições, aperfeiçoar os Estágios Supervisionados conforme direcionados pelo Projeto Pedagógico do Curso (PPC), aprofundando a relação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com as escolas das redes públicas:

- Desenvolver projetos e planos de atividades que fortaleçam o campo da prática e conduzam o futuro pedagogo a exercitar, de forma ativa, a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- Orientar o planejamento, a execução de atividades, a elaboração dos planos de aula e sequências didáticas, assim como os projetos de ensino e atividades de avaliação da aprendizagem, compreendendo as ações específicas a serem desenvolvidas pelos residentes nas escolas-campo, sempre articuladas com a BNCC;
- Atuar positivamente no cotidiano escolar, através de uma prática dinâmica e eficiente, que corrobora para o uso de outras e novas metodologias didático-pedagógicas no sentido de garantir um processo de ensino e aprendizagem de resultados afirmativos para as crianças, buscando, ao mesmo tempo, a redução das taxas de evasão, reprovação e de dificuldades de aprendizagem dos/as alunos/as e sua repercussão, de forma significativa, no IDEB das escolas participantes;
- Assegurar, aos nossos alunos em formação, habilidades e competências que lhes permitam realizar um ensino de qualidade nas escolas de educação infantil e turmas iniciais do ensino fundamental, contribuindo significativa e preponderantemente com o desenvolvimento de sua profissionalização e ascensão profissional no mercado de trabalho; (Edital/ CAPES, 2022, PARTE B).

As atividades desenvolvidas pelos residentes devem estar alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). E no que é estabelecido, a intencionalidade do Programa está voltada à aproximação dos futuros professores com a realidade da escola, relacionando a formação com a prática docente, contextualizando a aprendizagem diretamente com o objeto de estudo, potencializando o processo de construção de conhecimento, abrangendo os contextos sociais, culturais e éticos, mobilizando a reflexão das práticas cotidianas, tendo como princípio estar a serviço da aprendizagem dos alunos para proporcionar o avanço do conhecimento, abrangendo os campos da alfabetização e do letramento e propondo a dinâmica de utilizar das várias áreas do conhecimento.

No desenvolvimento do projeto, os residentes atuantes se vinculam a uma escola campo, onde são iniciadas a imersão e ambientação no cotidiano escolar e as observações em sala de aula, abordando as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula. Em seguida, são promovidas reflexões teóricas para a elaboração de um plano de ação que irá possibilitar as regências e intervenções pedagógicas com os alunos da escola. O residente possui autonomia nesse processo, contanto, no entanto, com a orientação do docente orientador da universidade juntamente com os preceptores e professores colaboradores da escola campo.

Atualmente, o PRP da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV conta com duas professoras coordenadoras, três preceptoras e catorze residentes atuantes em duas escolas selecionadas para o Programa, seguindo o regimento estabelecido, participando efetivamente em suas demandas, contribuindo com a aprendizagem dos alunos alcançados, se adequando e influenciando na rotina escolar, atentos às dificuldades da turma em que estão inseridos para promoverem a intervenção devida a partir das aulas de regência planejadas através de sequências didáticas, abordando uma temática específica a ser trabalhada em dez aulas por módulos, inserindo as disciplinas instituídas aos alunos em sala de aula através da interdisciplinaridade, intencionando suprir as necessidades detectadas através das observações e participação na rotina dos alunos e, principalmente, se introduzindo como agentes transformadores.

## 2.2 A formação docente e a prática pedagógica: os saberes das experiências

Contextualizando a formação docente no âmbito que constitui a introdução do discente no espaço acadêmico, necessariamente no âmbito da Licenciatura em Pedagogia, é notória a dinâmica de uma formação voltada para a teoria e a prática, promovendo o conhecimento da teoria e o relacionar com a prática, e também a reflexão da ação, ou seja, enquanto o discente se agrega do conhecimento teórico, ao colocá-lo em prática é manifestado o ato de refletir sobre sua atuação social, colocando em foco o desenvolvimento do professor na ação de ensinar.

Ao formalizar os saberes constituídos para atuação profissional, construindo uma ponte com a prática de ensino na execução das teorias desenvolvidas nos estudos ao longo da formação docente, o discente viabiliza na sua constituição profissional a ação de aprender com as teorias e o ato de ensinar, que se trata da:

[...] formalização do conhecimento profissional ligado ao ato de ensinar implica a consideração de uma constelação de saberes de vários tipos, passíveis de diversas formalizações teóricas – científicas, científico didáticas, pedagógicas (o que ensinar, como ensinar, a quem e de acordo com que finalidades, condições e recursos), que contudo, se jogam num único saber integrador, situado e contextual – como ensinar aqui e agora –, que se configura como ‘prático’ (ROLDÃO, 2007, p. 98).

É nessa perspectiva que a prática da teoria resulta na reflexão das ações, promovendo o autoconhecimento que contribui para a construção da identidade docente, onde existe uma mútua dependência na relação teórico prática e com isso são abertas as articulações para promover o processo educativo na formação docente, diretamente ligado ao conhecimento profissional.

É importante frisar que a escolha de uma profissão remete a uma influência que pode ter sido oriunda da convivência, geralmente iniciada ainda na infância do indivíduo. Nóvoa (2013) defende que a construção da identidade profissional docente resulta da relação entre a história profissional e pessoal, pontuando a autocompreensão e se direcionando a uma perspectiva biográfica ao introduzir o conhecimento de si mesmo pensado através de questionamentos como, por exemplo, “Que profissional quero me tornar/ser?” e “Que alunos quero formar?”.

Segundo Nóvoa (2009, p.39), o “ser professor” é algo que não se separa daquilo que se é e daquilo que se ensina, ou seja, o autoconhecimento também é refletido na formação e na prática docente. É uma construção de autorreflexão e

autoanálise que permeia a formação de uma identidade profissional e humanizada, o que nos remete ao que o autor definiu como “teoria da pessoalidade no interior de uma teoria da profissionalidade”, formando a base para a narrativa de que é necessário, durante a formação docente ou ao iniciar a carreira na profissão, o exercício profissional para auto-formação.

Com essa relação de pessoalidade e profissionalidade, o autoconhecimento contribui para evitar o esgotamento profissional, ou seja, relacionar as vivências com as experiências contribuem para o processo de formação e possibilitam a flexibilidade de ir além do conhecimento científico e pedagógico, refletindo nas referências pessoais. Com isso, fica explícito que as experiências vivenciadas nas escolas com o contato direto com o cotidiano escolar, pontuando o que é vivenciado e as reflexões em torno da construção profissional e pessoal condizente com a prática docente, contribui diretamente na formação do pedagogo. Essa experiência é um destaque do Programa Residência Pedagógica (PRP), por este permitir o contato dos estudantes de licenciatura com a convivência com a futura profissão.

Segundo Pimenta (1999), a docência se classifica em três saberes: a experiência, o conhecimento e os saberes pedagógicos. O conhecimento é estabelecido com base nas disciplinas e tem seu embasamento nos conteúdos teóricos adquiridos através de leitura de livros e outros meios que permitam a obtenção do teórico; os saberes pedagógicos compreendem a didática no desenvolvimento de atividades, aprimoradas através de metodologias e técnicas; enquanto a experiência:

Constrói-se, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque preenchem de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (Pimenta, 1999, p.19).

Nesse contexto de construção social da profissão docente situa-se o pensamento de que para suprir as necessidades do cotidiano escolar, em sua construção de uma identidade na docência, se torna necessário a verificação dos valores estabelecidos nas atividades docentes, as expectativas pessoais do atuante, bem como as relações com professores experientes. Assim, “pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente,

de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (Tardif, 2008, p.36).

Nessa perspectiva de “saber plural”, a formação docente mantém o diálogo constante com os conhecimentos pedagógicos, os saberes disciplinares que são estabelecidos pelos campos do conhecimento introduzidos pelo trabalho científico e repassados pelas disciplinas nas instituições educacionais, como também com os saberes curriculares que são introduzidos como um certo controle do que é ensinado nas instituições educacionais, e os saberes experienciais, que são estabelecidos pelas vivências no cotidiano escolar entre os sujeitos que compõem a escola.

É no contexto dos “saberes experienciais” que se manifesta mais uma vez a importância da imersão em salas de aulas como uma contribuição direta para a formação docente, englobando a prática pedagógica que introduz outros saberes (disciplinares e curriculares) estabelecidos por Tardif (2008), pois nas experiências em sala de aula o professor atua diretamente com esses saberes, que estão articulados à prática docente mas que não se constituem como o saber dos professores ou o saber docente. Isso implica dizer que o professor não é responsável pela definição geral dos conhecimentos estabelecidos pelas disciplinas e pelo currículo das instituições de ensino.

Essa perspectiva aponta a exclusividade dos saberes experienciais, fazendo-nos perceber que esse saber é algo construído pelo próprio docente em sua prática, e que os outros saberes, disciplinares e curriculares, provém de fatores externos, não podendo ser controlados ou diretamente criados pelo docente, tal reflexão possibilita pontuar a valorização da experiência docente.

Para Tardif (2002), a formação inicial visa habituar os futuros professores à prática profissional e fazer deles práticos reflexivos, e é nesse sentido de prática reflexiva que os professores se assumem como produtores dos seus próprios saberes através das suas experiências, tornando a escola não apenas um local de trabalho docente, mas também um espaço para a formação docente e, inevitavelmente, indo além da teoria ao dar ênfase às práticas de estágio e imersão escolar como instrumentos de formação.

Para Giroux (1995), ao construir novos conhecimentos, o professor transcende a função de condutor do conhecimento, se consolidando como um criador e propagador dos saberes em sua prática pedagógica, pontuando a necessidade de promover a valorização de suas experiências, no tocante aos

discentes que também estão inseridos em um contexto cheios de variações e valores distintos:

No que se refere ao papel do professor e da professora, novas formas de conceber a escola, os conhecimentos e o currículo, desafiam-nos a ultrapassar a noção de transmissores de informações. Sobretudo, seríamos produtores culturais e nossas práticas pedagógicas deveriam privilegiar a organização de experiências através das quais os estudantes pudessem vislumbrar o caráter socialmente construído de seus conhecimentos e experiências, num mundo extremamente cambiante de representações e valores (GIROUX, 1995, p. 101).

Levando em consideração a escola como ambiente de construção desses saberes e experiências, introduzindo a prática pedagógica como propulsora de conhecimentos, como uma via de reflexão e como uma ação que move a transformação do próprio docente, Paulo Freire defende que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1975, p.9). E mais uma vez, esses aspectos permitem introduzir a prática social da construção de uma identidade na docência, cujo os saberes experienciais, ocasionados pela prática pedagógica, podem ser construídos através de ações na convivência conjunta, pontuando a viabilidade da importância da relação da teoria e a prática para agregar a formação docente .

### 3. A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DOCENTE

A representatividade da escola pública na formação docente, é evidenciada através do espaço habilitado para os Estágios Supervisionados, nesse contexto os alunos de licenciatura se situam com o contato da prática, aprendendo diretamente com seu objeto de estudo, no tocante a educação, se habituando ao seu campo de atuação profissional, pontuando uma formação docente que ultrapassa a contraposição ao associar a teoria e a prática, que Gatti (2010), introduz: "Uma formação que buscou superar o desequilíbrio na relação teoria e prática, que se revelou menos abstrata e mais contextualizada com o campo de atuação profissional onde o futuro professor vai atuar" (GATTI, 2010).

Para que haja essa superação do desequilíbrio ao relacionar a teoria e a prática, é importante ressaltar que ao ingressar em uma escola pública enquanto estudante de licenciatura, seja como residente (PRP), ou como estagiário, situado ao componente Curricular do Estágio Supervisionado, é necessário não apenas se inserir a escola, mas atuar e refletir sobre as ações designadas no cotidiano do ambiente escolar, trazendo em consideração pontuar as dificuldades e pensar ações que possam intervir, mesmo que não haja abertura para o licenciando agir.

No ato de pensar ações, é necessário trazer uma reflexão sobre uma solução para o que designou como um problema, que segundo Candau (1997), a repetição mecanizada do que é vivenciado na escola, não promove a considerar a escola de fato como um local de formação docente, o que vai determinar isso são as atitudes que serão tomadas pelo discente que está em construção profissional, pontuando em dar a sequência do que se é adquirido em conhecimento em âmbito acadêmico:

Neste sentido, considerar a escola como lócus de formação continuada passa a ser uma afirmação fundamental na busca de superar o modelo clássico de formação continuada e construir uma nova perspectiva na área de formação continuada de professores. Mas este objetivo não se alcança de uma maneira espontânea, não é o simples fato de estar na escola e de desenvolver uma prática escolar concreta que garante a presença das condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática repetitiva, uma prática mecânica não favorece esse processo. Para que ele se dê, é importante que essa prática seja uma prática reflexiva, uma prática capaz de identificar os problemas, de resolvê-los, e cada vez as pesquisas são mais confluentes, que seja uma prática coletiva, uma prática construída conjunta por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar (CANDAU 1997, p. 57).

Tendo em vista a concepção da prática reflexiva, existe a busca do próprio docente a não se contentar apenas ao que presencia em atuação nas escolas, mas buscar uma dinâmica que o motive nessa conduta estabelecida pela auto reflexão, a fim de se aprimorar e não se render apenas ao que está diante dos seus olhos, mas aprender com as suas experiências.

Para Canário (1998), a escola é introduzida como um ambiente formador ao evidenciá-lo como contribuinte para aprendizagem docente, pontuando o desenvolvimento da identidade profissional, ainda estabelecendo a visão generalizada que se tem do ambiente escolar, ao introduzir que a escola é vista como um local que o professor ensina e o aluno aprende.

Descontextualizando essa atribuição, e pontuar a escola como um ambiente formador para docentes, ou seja, onde o professor aprende, e também o licenciando inserido na escola aprende e constrói sua identidade profissional, mas é importante trazer em evidência que essa aprendizagem designada aos professores, ou para os futuros professores, é uma questão de escolha, esse conceito é algo que provém da individualidade de cada profissional, é o docente que pode se permitir aprender com suas próprias vivências e experiências atribuídas ao âmbito escolar.

No tocante ao que diz respeito a minha introdução na escola campo, na concepção que tive do ambiente escolar como formador e influenciador da minha construção na docência, pontuando que já tinha a experiência com escolas e salas de aula, quis me reformular ao ingressar no Programa (PRP), e me abster das vivências profissionais que já tinha tido, ao ponto de querer zerar as concepções que tenho das minhas experiências profissionais, para vivenciar novas possibilidades em um ambiente totalmente diferente do que já estava acostumada, mas foi algo impossível, e vi uma ânsia de manter o que já vivi em evidência, para então poder viver uma nova realidade, para poder fazer o comparativo do que foi aprimorado em minha formação docente, como profissional.

Assim atribuo necessariamente a escola como uma propulsora de conhecimentos aos docentes experientes, e aos docentes em construção, introduzida no contexto de me permitir aprender com as experiências novas, relacioná-las com o que já tinha vivenciado, para poder me dar uma integração e evidenciar os resultados das novas experiências, para então contemplar o desenvolvimento da minha construção docente.

### **3.1. A escola campo e as salas de aula: formação, imersão e ambientação**

Proveniente da sistemática do Programa Residência Pedagógica (PRP), o processo de introdução na escola campo condiz a realização das etapas para preparação de regência de aula, iniciando com a formação, nessa fase inicial do desenvolvimento do Programa, Participei de palestras regidas pela coordenação geral do Programa (PRP), algumas virtuais e outras presenciais, recebendo as devidas informações auxiliando no ingresso do subprojeto de Pedagogia-Campus IV.

Seguindo com reuniões com a direção da escola campo, coordenação Pedagógica e professores para pontuar estratégias que melhor se adequassem a escola e aos residentes, como também as pesquisas feitas com a documentação da escola, abrangendo a análise do Projeto Político Pedagógico e o Plano de Ação desenvolvido na escola, que ainda foi preciso ser realizada uma breve entrevista oral com o diretor da escola campo para compreender mais sobre o processo da construção do Projeto Político Pedagógico da escola.

As preceptoras (Subprojeto Campus-IV), da escola fizeram reuniões com os residentes para serem esclarecidas as particularidades que abrangem o Programa adotado pela rede de ensino público da cidade de Mamanguape-PB, o referente Programa “Educar pra valer” (EpV), seguindo de reuniões de socialização das análises realizadas, como também no decorrer de todo o processo reuniões formativas que abrangeram uma base teórica, envolvendo autores que englobam a formação de professores, como António Nóvoa (2009), como também obras que estabeleceram as temáticas de alfabetização e letramento, introduzindo como principal referencial o livro “Alfaletrar”, da autora Magda Soares, como também obras de produção da Professora Orientadora do subprojeto, Professora Aline Cleide Batista-UFPB, juntamente com a Professora Evelyn Fernandes Azevedo Faheina –UFPB, que introduzem esse processo de formação como uma maneira de adaptação com o público alvo, ampliando e solidificando o que já foi estudado pelos residentes no curso, designando a formação, na Resolução N° 2, de 1° de Julho de 2015 em seu Artigo 6°:

O projeto de formação deve ser elaborado e desenvolvido por meio da articulação entre a instituição de educação superior e o sistema de educação básica, envolvendo a consolidação de fóruns estaduais e distrital permanentes de apoio à formação docente, em regime de colaboração, e deve contemplar: I - sólida formação teórica e interdisciplinar dos

profissionais; II - a inserção dos estudantes de licenciatura nas instituições de educação básica da rede pública de ensino, espaço privilegiado da práxis docente (BRASIL, 2015).

Após o processo de formação, são inseridas as etapas de imersão e ambientação, e conseqüentemente as observações em sala de aula:

A partir desse período de observação e ambientação nas escolas, percebe-se a necessidade de refletir e discutir sobre a prática realizada na sala de aula para que seja feita uma intervenção coerente com as problemáticas existente para que haja progressos na área da educação e não simplesmente colocar em prática as habilidades de se dar uma aula, mas atuar na possibilidade de buscar caminhos que façam transformações (BATISTA; FAHEINA, 2020, p.502).

Essas referentes etapas permitem o encontro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com a escola campo, viabilizando a introdução da integração para a construção de uma formação crítica reflexiva, onde me inseri na escola campo com a finalidade de agregar todas as experiências que iriam ser somadas na minha formação docente.

Durante essas etapas de imersão e ambientação, são estabelecidas por observações e também com o auxílio de anotações em um diário de campo para promover uma análise reflexiva sobre as salas de aulas acompanhadas, durante minha participação no período estabelecido pelos dois módulos, fui inserida em três salas de aula, onde pude completar as etapas estabelecidas pelo cronograma do Subprojeto-Campus IV, onde busquei identificar as dificuldades dos alunos, na pretensão de elaboração das Sequências Didáticas (SD), para intervenção e regência de aula, para poder promover a melhoria do ensino e aprendizagem dos alunos, que convivi nesse período.

A respeito da Escola campo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Adailton Coelho Costa, situada na cidade de Mamanguape-PB, na Rua Maria das Dores Silva do Nascimento, Bairro Gurguri, s/nº, a escola funciona em dois turnos (matutino e vespertino), com 14 turmas, contendo 175 alunos no turno da manhã, e 198 alunos no turno da tarde, contabilizando no total de 371 alunos matriculados na escola, atendendo a o Ensino Fundamental I e II.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Em análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da referente escola, foram obtidas algumas informações, entre elas, que está válido do ano de 2018 ao ano de 2022, a comunidade escolar é mencionada na criação do Projeto (PPP), que foi criado através das reflexões das realidades social, econômica, política e cultural dos alunos, o dito documento também traz um breve relato da constituição da comunidade em que a escola está localizada, e também a biografia, do Doutor Adailton Coelho Costa.

Segundo o documento (PPP), o plano de ensino está estruturado de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a construção do referente Projeto Político Pedagógico foi feita pelos pais dos alunos da escola, professores, alunos, direção, funcionários, e toda a comunidade escolar, através de reuniões realizadas coletivamente no espaço escolar (informação obtida na entrevista com o diretor), que demarcaram as principais finalidades para construção do Projeto Político Pedagógico da escola, porém, também foi estabelecido que é um trabalho inacabado pois com o decorrer do tempo pode necessitar de reelaborações e alguns ajustes.

A escola tem alguns projetos estabelecidos como: Projeto Junino, na união da escola e a comunidade, onde os alunos expõem os seus trabalhos da temática comemorativa, apresentações de dança cultural, entre outras dinâmicas, também é introduzido o Projeto Horta Escolar, onde aborda a importância da reciclagem, e o cultivo de hortaliças na escola (cuidada pelos alunos), também o Projeto “Aluno Destaque”, os alunos que tem um bom desempenho em notas e comportamento,

recebem um presente (chocolates), e tem sua foto exposta no mural que fica na entrada do prédio da escola, abrangendo o primeiro, segundo e terceiro lugar, e o Programa de leitura “Tempo de aprender”, que contempla as crianças do 1º e 2º ano com as práticas de leitura.

Nas escolas de educação básica da rede pública municipal de ensino do Município de Mamanguape-PB, está implementado o Programa “Educar pra Valer” (EpV), que é inspirado no modelo de educação revolucionário de Sobral (CE), que foi instaurado pela Associação Bem Comum, em parceria com a Fundação Lemann, cujo foi inserido no município de Mamanguape-PB, no ano de 2019, o programa tem a finalidade de dar assistência técnica aos municípios que o integra, implementando boas ações de gestão.

Em conjunto com o município o programa EpV, busca melhorias no que diz respeito ao processo de aprendizagem dos alunos, os acompanhando pelo período de quatro anos, referente a fase do Ensino Fundamental I, adotando um plano de ação para nortear os referidos trabalhos nas escolas, englobando conhecimentos que desenvolvam os conteúdos curriculares introduzindo os âmbitos social e emocional, para as atividades nas salas de aula são utilizados de cadernos de atividades organizados conforme as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A respeito dos materiais que são usados pelo programa EpV, estão entre eles : caderno suplementar, caderno de fluência, caderno de orientações gerais( 4), língua portuguesa e matemática , cadernos de atividades( 4) língua portuguesa e matemática e caderno de respostas.

As informações sobre o Programa Epv, foram obtidas em reuniões com as preceptores da escola campo, para que os residentes se habituem ao contexto que a escola campo está inserida, não foi possível o acesso aos documentos que regem o Programa Educar pra Valer (EpV), para ser inserida uma devida referência na presente pesquisa, pois esse acesso é restrito aos devidos funcionários da educação do município, com isso essas informações foram adquiridas em reuniões e anotadas em diário de campo.

### 3.1.1 Atuando no Módulo I (2º ano Ensino Fundamental I)

No meu 1º módulo de atuação no Programa Residência Pedagógica (Módulo I, iniciado em novembro de 2022, finalizado em Maio de 2023), como explícito, ocorreu esse processo de formação, para então dar início a ambientação e imersão nas salas de aula, iniciei minha atuação na sala, com a turma do 2º ano do ensino Fundamental I.

A respeito da sala, é uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental I, composta por 28 alunos, incluindo quatro alunos com deficiências, a turma conta com uma professora principal, e 3 cuidadores, uma turma com alunos com a mesma faixa etária de idade com crianças de 7 a 8 anos de idade.

Sobre a aprendizagem da turma, com base no acompanhamento e observações, a turma trás em seu contexto uma variação de avanços, alguns alunos são fluentes em leitura e conseguem responder as atividades dos referido cadernos de atividades sozinhos apenas acompanhando a explicação da professora, outros já mantém uma leitura rasa, e para acompanhar as atividades precisam de auxílio da professora que utiliza das escritas no quadro, as crianças especiais têm suas atividades adaptadas pela professora, e executam as atividades com os seus cuidadores.

A professora da turma mantém um excelente desempenho com seus alunos, apesar de ser uma turma grande e ter em seu contexto as particularidades abrangentes de cada aluno, a professora busca envolver os alunos em suas aulas com dinâmicas para apresentar os conteúdos que são trabalhados diariamente, abordados sempre a partir de um gênero textual.

Apesar da limitação das aulas, onde deve-se ser usado apenas o caderno de atividades, são trabalhadas apenas as disciplinas de Português e Matemática, no referente caderno, a professora sempre inova esse contexto, optando pela interdisciplinaridade, sem fugir do conteúdo, mediando com auxílio de alguns livros didáticos das disciplinas de Geografia e Ciências, que foram disponibilizados para turma pela gestão escolar,

Mas a referente turma teve um desenvolvimento considerável, pois durante esse período pude cooperar com os alunos, no que me era direcionado pela professora, sempre dando assistência aos alunos que não conseguiam acompanhar a resolução das atividades, também vivenciando a rotina da sala de aula, que era

muito movimentada, pontuando que a experiência com a turma foi diferente de tudo que estava acostumada com minha experiência profissional, durante esse período acompanhei a professora da sala lidando com as mais variadas situações, acompanhei o regimento da professora titular ao flexibilizar os conteúdos para os alunos especiais, ainda integrando a funcionalidade dos cuidadores em sala de aula, contemplei o trabalho da gestão e a coordenação ao intervirem na sala de aula, e ainda presenciei uma situação com um pai de aluno, mau intencionado que quis bagunçar na sala de aula, mas a professora relevou a situação muito bem, sem deixar de lado a sua posição.

Foram situações que me fizeram refletir, que com tanto tempo de sala de aula, não tinha vivido o que vivi em 1 módulo como residente, situações que nunca presenciei diretamente em minha trajetória profissional, o que me fez sair da minha zona de conforto, e ver que o trabalho em sala de aula vai além de só cuidar da criança, alimentá-la, e deixá-la limpa, para causar boas impressões aos seus pais, e em sala de aula apenas aplicar atividades para os alunos copiarem e dizerem que aprenderam alguma coisa.

Ainda no mesmo módulo participei de reuniões de formação dos professores, promovidas pela coordenação da escola campo, onde contemplei de fato como é realizado um planejamento, e o que envolve o trabalho pedagógico promovido pela escola, foram inseridas pautas das dificuldades apresentadas pelos alunos da escola, e em conjunto as professoras buscaram resoluções que pudessem suprir essas dificuldades, foi passado planejamentos mensais dos eventos que iriam ocorrer durante o semestre, entre avaliações, e datas comemorativas, e festividades promovidas pela escola.

Foram momentos que me agregaram, pois na teoria adquirida no âmbito do meu curso, foram momentos de que apenas ouvia e refletia sobre o trabalho da gestão e coordenação escolar, e na minha atuação profissional nunca tinha me integrado a uma reunião tão focada no planejamento escolar.

Não tenho críticas negativas para apresentar a respeito do que vivencie nessas primeiras etapas, pois a cada situação pude acompanhar o início de cada ocasião vivenciada na rotina escolar, observando a maneira como a gestão intervia nas resoluções das problemáticas acarretadas do cotidiano, juntamente com a professora que acompanhei em sala, apenas me senti privilegiada por estar vivendo

o “chão” da escola, e essas variadas situações, e poder me apresentar uma reflexão crítica, do que faria se estivesse no lugar da professora titular, e aprender com elas.

### **3.1.2 Atuando no Módulo II (1º ano Ensino Fundamental/ Pré II Educação infantil**

No segundo módulo (iniciado em maio de 2023, concluído em novembro 2023), mudei de turma, fui introduzida ao 1º ano do Ensino Fundamental I, a respeito da turma era composta por 30 alunos, entre eles 1 aluno portador de deficiência especial, uma professora titular, e uma cuidadora.

No decorrer desse período, as aulas tinham um só planejamento e rotina, sempre alinhadas aos componentes curriculares Português e Matemática acompanhando os cadernos de atividades, sobre a aprendizagem dos alunos, a maioria não sabem ler com fluência, apenas 3 alunos têm leitura considerada fluente, constituindo a maior parte dos alunos como não alfabetizados.

Pela rotina e a frequência dos alunos serem mantidos totalmente ligados ao caderno de atividades, os alunos se mecanizaram a escreverem, ou marcarem as respostas das atividades automaticamente, através do meu contato direto em ajudar as crianças nas atividades do caderno utilizado nas aulas, tive essa percepção, pois ao responderem sozinhos as perguntas objetivas de múltipla escolha, já sabiam a resposta certa, pois nos cadernos as respostas corretas eram colocadas na mesma posição nas questões.

Sobre o referido aluno especial não tinha suas atividades adaptadas, utilizava do mesmo caderno de atividades dos outros alunos, mas conseguia acompanhar e ter um bom desenvolvimento.

No acompanhamento da turma em questão, a professora titular me designou a ajudar as crianças durante as aulas, ao responderem as atividades do caderno, também contribui com momentos de leitura em sala de aula, com a convivência consegui diagnosticar uma turma muito agitada, talvez por se tratar da quantidade de alunos, as situações cotidianas na sala de aula fugiam um pouco do controle da professora, mas se mantinha dedicada a cumprir o que era designado pela escola, para com seus alunos.

Não passei o segundo módulo completo na turma do 1º ano, mas cumpri a demanda das observações e regência de aula, em minha participação pude

contemplar mais uma realidade completamente diferente da minha, onde uma professora, sem o recurso de uma professora auxiliar, tinha que dar a devida assistência aos seus 30 alunos, uma sala de aula que abrange crianças muito agitadas, algumas agressivas, que no cotidiano se refletiam os efeitos da rotina estabelecida.

Percebi como era difícil desempenhar o papel de professor, sem o auxílio devido, ao me deparar com essa turma de 1º ano, atribuí a professora um desleixo ao manter uma turma de alunos tão dispersa, mas ao refletir sobre o contexto que estava em minha volta, pude evidenciar que era necessária a intervenção da gestão escolar, para ajudar em recursos a professora da sala, para então manter um controle no comportamento das crianças e introduzir boas aulas.

Ainda atuando no segundo módulo, tive que ser introduzida a uma turma da Educação Infantil, referente ao Pré II, crianças pequenas de 5 anos de idade, por motivos de ter que cumprir as demandas ocasionadas para o aproveitamento do Estágio Supervisionado Curricular, a princípio tive o pensamento de que seria mais fácil a estadia nessa turma, pois é a área que tenho experiência profissional, mas no período de observação de sala, percebi que seria o meu maior desafio, nesses dois módulos de atuação como residente.

A respeito da turma, estão matriculados 36 alunos, mas a frequência cotidiana são de 30 alunos, a sala de aula conta com uma professora titular, e uma professora auxiliar, dos aspectos físicos da sala de aula, é um ambiente decorado e acolhedor apropriado para faixa etária, pontuando as adequações do tamanhos das cadeiras e mesas utilizadas pelos alunos, na sala tem um bebedouro de água, para as crianças não transitarem pelo corredor da escola, também tem uma televisão para manter o “controle na sala”, levando o foco das crianças a assistirem desenhos animados atrativos.

Na rotina escolar a professora titular usa caderno de classe para os alunos copiarem do quadro, e também caderno para atividades de casa, cuja a auxiliar de turma se encarrega de está elaborando e escrevendo as atividades de casa, no cotidiano a professora titular utiliza de um caderno de leitura, onde apenas de 3 á 4 alunos, segundo a professora, apresentam desenvolvimento para alcançar uma leitura fluente.

Os demais alunos leem sílabas e pequenas palavras, aparentemente uma aprendizagem mecanizada, pois os alunos tem essa rotina de leitura todos os dias, e

na minha observação pontuei que a professora fala a palavra pausadamente e o aluno repete, esse fato pode ter ocasionado da criança ter decorado as palavras da leitura e repetir, comprovei em alguns momentos meus com uma aluna específica que ela apresenta uma boa leitura.

No cotidiano a professora, se desgasta muito para manter o controle comportamental das crianças, não foi obtido acesso ao planejamento de aulas da professora, mas aparentemente, as atividades são desenvolvidas durante as aulas, os alunos merendam na sala de aula, e também fazem sua recreação, alguns dias da semana a professora leva as crianças para brincarem no pátio da escola.

Os alunos apresentam mais desenvoltura nas aulas lúdicas, e nas brincadeiras, a professora sempre faz alguma dinâmica, sorteando balas, e sempre canta cantigas, um ponto interessante, é que ao iniciar as aulas, a professora sempre faz uma oração, e os alunos se dedicam nesse momento.

Apesar de serem crianças pequenas, os alunos se expressam bem através da fala, e escrevem bem ao copiarem do quadro, alguns mais desenvoltos conseguem realizar algumas atividades sozinhos.

A professora me designou ajudar as crianças nas atividades, e também ajudar com a leitura, para mim foi um dos momentos mais importante do Programa Residência Pedagógica, pois estava inserida na minha área de atuação profissional, mas em um contexto totalmente diferenciado do que vivo e já vivenciei.

Considerei esses momentos de ambientação e imersão, na referente turma, como algo crucial para construção da minha identidade docente, pois por alguns momentos refleti sobre o que estava contemplando, e senti zerar toda experiência que eu tinha com a Educação Infantil na escola particular.

Observei o quanto era desgastante fisicamente e psicologicamente para uma professora ter que lidar com uma turma de crianças pequenas, tão numerosa, e ao mesmo tempo tão agitada, e que em muitas situações de desentendimento entre os alunos, até mesmo ocorrer dos alunos se machucarem e se agredirem, ação de lidar com a situação se resultar em gritos.

Não critico as ações estabelecidas pela professora, não me cabe esse papel, mas me permito refletir o que eu faria nas determinadas situações, em minhas reflexões observei que as crianças são desenvoltas nas atividades lúdicas e gostam de dialogar, seria uma tentativa para uma solução trabalhar atividades lúdicas e o contato mais harmônico, dialogando com os alunos, apresentando atividades que

intervissem nessa problemática, do que resolver as questões com gritos, por inúmeras vezes me perguntei e refleti a respeito.

Não tive a chance de intervir no que realmente queria e o que achei apropriado a trabalhar com os alunos, devido às demandas de contemplar as temáticas das disciplinas que necessitaram de outros caminhos para minha intervenção, mas carrego comigo a indagação de como eu, enquanto residente poderia ter cooperado mais com a turma, também esclareço que não tive muita desenvoltura e espaço para contribuir diretamente com os alunos, comparado às outras turmas que tive participação.

Das narrativas aqui descritas, compreendo que esses períodos de imersão e ambientação, me permitiram estar introduzida em realidades completamente diferentes de tudo que já vivi e vivo, acarretando a teoria que adquiri no andamento do meu curso, e principalmente na minha experiência profissional, pois pude contemplar de fato as necessidades dos alunos, que foram de necessidades de materiais básicos, pois tinham crianças que iam para escola sem o lápis para escrever, e sem a borracha, e ao perguntar a criança: “cadê seu lápis?”, e a criança me responder:” minha mãe não tem o dinheiro para comprar”, foram momentos que também é perceptível a importância do material didático para aprendizagem dos alunos.

Contemplei as necessidades de aprendizagem e convivência dos determinados alunos, na escola particular também já estive inserida em situações um pouco parecidas, mas sempre acompanhando de longe, pois ao tentar intervir, poderia ser considerada uma ação de intromissão ou de está saindo do que me é estabelecido como função no trabalho.

No tocante a experiência que tive, enquanto residente durante essas etapas, também presenciei o papel da escola na comunidade que está inserida, ao ponto de promover distribuição de cestas básicas, ajudar instituições religiosas, promovendo o papel social da escola, não limitando o âmbito escolar como um espaço restrito a aprendizagem de conteúdos, mas agregando valores humanitários aos alunos, enfim essas experiências agregaram a minha formação docente, e ao refletir sobre as determinadas situações, que foram inúmeras, não criticando as professoras, mas me colocando no lugar de cada uma, e me perguntando o que eu faria sobre a determinada ocasião.

### **3.2 A formação de professores passando por dentro da profissão: convivência com professores da sala de aula**

Introduzindo a concepção de Nóvoa (2009,p.36), "devolver a formação de professores para os professores", é perceptível que os professores experientes tenham um papel formador através de suas experiências na formação do licenciando que estar em contato direto com os mesmos, possibilitando a troca dos saberes que foram adquiridos com os anos de prática em sala de aula: "A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar simultaneamente, o papel de formador e de formando" (NÓVOA, 1997, p. 26).

O Programa Residência Pedagógica tem promovido de forma direta essa convivência e partilha de saberes entre os professores experientes com os estudantes de licenciatura, em minhas vivências até o segundo módulo concluído, acompanhei a rotina de 3 professoras, que por coincidência ou estratégia, acarretou minha participação na sequência dos anos seriais, mesmo seguindo uma sequência inversa, do 2º ano, para o 1º ano do Ensino Fundamental I, dando sequência para Educação Infantil, com o Pré II. Cada professora me ensinou algo importante, mesmo sem perceber, quero trazer a reflexão o que levei de cada uma como experiência agregada na minha formação docente.

Pontuando as vivências com a professora do 2º ano, percebi a competência da professora ao se reinventar, não se limitar ao caderno de atividade designado pelo Programa Educar pra valer (EpV), mesmo sendo algo obrigatório pela escola, a professora não fugia do que estava sendo abordado na atividade através de gêneros textuais, se baseando na temática explícita a cada aula, a professora promoveu a interdisciplinaridade para suas aulas, trazendo uma dinâmica, que para os alunos era sempre como uma novidade, que os mantinham ansiosos para aprender, é isso que pontuo a inovação, ao não se limitar ao que está estabelecido, mas promover novas possibilidades para aprendizagem dos alunos.

Introduzindo o acompanhamento do trabalho designado pela professora do 1º ano, necessariamente por ser uma senhora com uma idade considerável, prestes a se aposentar, ela se mantinha em vigor, e conduzia suas aulas seguindo a risca os cadernos de atividades.

A professora não buscava promover novos meios que conduzissem a aprendizagem de seus alunos, mas algo positivo dela, é que dava importância às necessidades materiais de seus alunos, algumas vezes na minha participação em sua sala, contemplei ela entregando materiais didáticos aos seus alunos, demonstrando se importar com as necessidades que seus alunos apresentavam, exercendo um papel social dentro de sala de aula, o que levo de experiência com a professora é a importância de conhecer o aluno, e não o vê apenas como alguém que tenho que ensinar, mas um ser que também passa por necessidades e precisa de assistências, que vai além da aprendizagem em sala de aula.

Com a professora do Pré II, ao contemplar seu trabalho em sala de aula, trago uma reflexão crítica a respeito da prática introduzida a sala de aula, pois me deparei com uma professora que tem a minha faixa etária de idade (27 anos) mas que não demonstra muita paciência e compreensão com seus alunos, por se tratar de uma turma grande e abranger crianças pequenas, seria necessário combinar uma ação conjunta com a auxiliar de sala, para promover um ambiente mais acolhedor e provedor de conhecimentos.

No tocante a realidade que a professora está inserida, essa intervenção seria benéfica para ambas as partes, professora e aluno, trago essa reflexão para mim, pois inúmeras vezes me questionei o que faria nas determinadas situações vivenciadas por ela, e me pus no lugar dela, aprendi com ela que todo esforço é válido para promover a aprendizagem, fazer o que se pode, nas condições que tem, mas podendo melhorar a cada dia, a cada aula.

Expresso de forma reflexiva o que as vivências e experiências com as professoras, e o que me promoveram em contribuição para minha formação docente, o que as professoras trazem em comum é manter a persistência pela aprendizagem de seus alunos, cada uma com seu contexto, mas não desviando os alvos, que são seus alunos.

### **3.3 A construção social da profissão docente: vivências que refletiram em experiências**

Ao contextualizar a construção social da profissão docente trazendo a interação coletiva do convívio social com os que partilham da docência, que pode favorecer o profissional em sua prática e adquirir conhecimentos, pontuando que as

relações interpessoais também atribuem em experiências, que pode ser introduzida uma reflexão das práticas desenvolvidas em conjunto, como introduz Pimenta: “Uma identidade profissional se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições” (PIMENTA, 2000, p. 19).

A etapa de intervenção de aula, é a etapa que se percebe a teoria desempenhada na prática, é o momento de pôr em ação as aulas desenvolvidas nas sequências didáticas, atribuindo aulas que abrangeram aprimorar a aprendizagem dos alunos, mutuamente intervindo nas necessidades que foram detectadas nas últimas etapas, já mencionadas, a fim de se auto promover uma formação reflexiva, pontuando as vivências como propulsoras das práticas educativas:

O professor como sujeito que não reproduz apenas o conhecimento pode fazer do seu próprio trabalho de sala de aula um espaço de práxis docente e de transformação humana. É na relação refletida e na redimensão de sua prática que o professor pode ser agente de mudanças na escola e na sociedade (LIMA & GOMES, 2002, p. 169).

Na ação de produzir conhecimento, e atuar na regência de aula é poder intervir na dificuldade detectada pelo residente nas turmas que foi inserido, no processo de construção das sequências didáticas são regidas a princípio por uma problemática, integrada de uma temática específica, assim construindo e aplicando aulas interativas, explorando a ludicidade, e introduzindo as habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

### **3.3.1. Vivência com a turma do 2º ano (Ensino Fundamental I- Módulo 1):**

Em conjunto com minha colega, enquanto residentes, e amiga Liliane Gomes Barbosa, construímos duas sequências didáticas interdisciplinares para serem aplicadas na turma do 2º ano (Ensino Fundamental I), a primeira sequência teve a temática: “Aprendendo com a Joanhinha”, onde foi atribuído a partir de um gênero textual (fábula), o desdobrar da história infantil da “Joanhinha que perdeu suas pintinhas” (Ducarmo Paes), que se refere a uma aventura de uma joanhinha que perdeu suas pintinhas e que passa por diversas situações em busca de ter suas pintinhas de volta.

Introduzindo a problematização da sequência com o projeto da escola “Tempo de Aprender” (Programa Tempo de Aprender do Ministério da Educação -MEC), introduzindo o principal objetivo das aulas em desenvolver a leitura fluente das crianças, consideramos pertinente desenvolver nossa sequência didática a partir da fábula mencionada, trabalhando a leitura e dialogando com as percepções e conhecimento prévios dos alunos, com o objetivo de colaborar com o desenvolvimento da leitura fluente, o diálogo e relacionando o conhecimento prévio das crianças com os conteúdos da sala de aula.

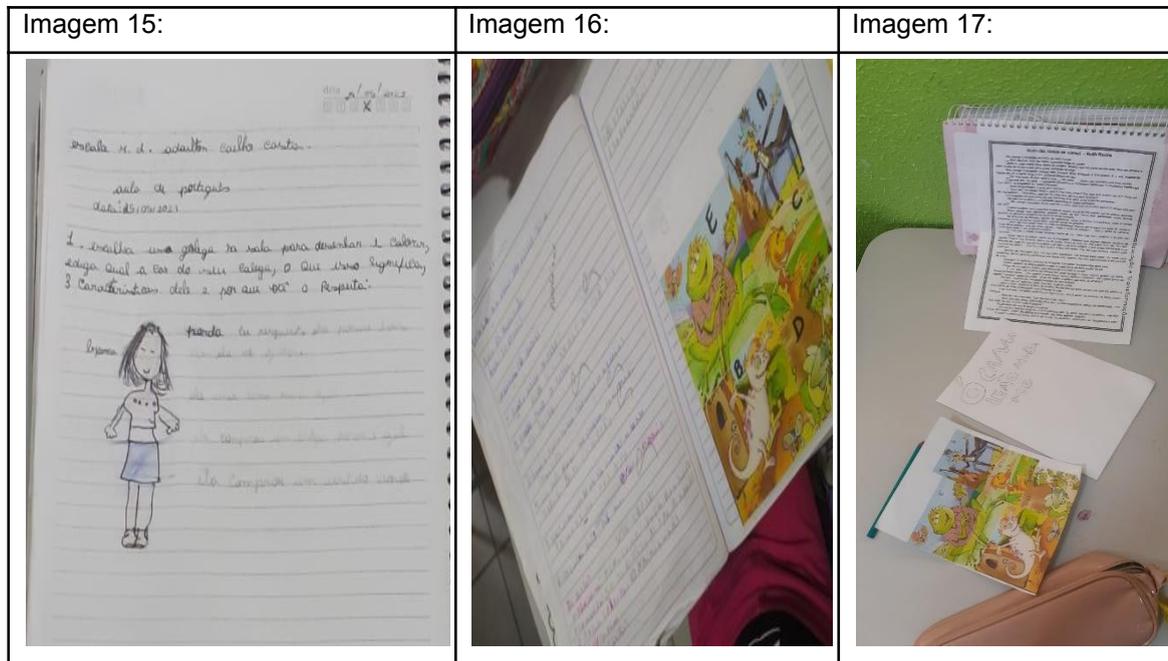


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

E a segunda sequência didática, ainda aplicada no 2º ano (Ensino Fundamental I), foi introduzida também a partir do gênero textual fábula, onde utilizamos duas histórias infantis: “Bom dia, de todas as cores” (Ruth Rocha), e a fábula “Tirrim e Cocoricó” (Sandra Aymone), ambas remetem o desenvolver da aceitação das diferenças entre os seres, a fim de conduzir o respeito entre as diferenças, utilizando de uma linguagem infantil, para compreensão da temática estabelecida.

Introduzindo a temática: “O eu e o outro – identificando e valorizando as diferenças”, englobando a problematização, que por meio da convivência com os alunos e levando em consideração a diversidade cultural, econômica e social, consideramos trabalhar em sala de aula a valorização das diferenças através de

dessas fábulas, com o objetivo de conscientizar as crianças a respeitarem umas às outras.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora: (imagens das atividades executadas pelos alunos do 2º ano)

As aulas foram planejadas a partir do diagnóstico de observação, acarretando as evidentes necessidades da turma do 2º ano, pontuando que a interpretação textual é uma das pautas mais abordadas nas aulas, e a necessidade do respeito entre os alunos.

Durante a regência de aula, percebi o quanto precisei daqueles momentos desde o planejamento das aulas, a sua aplicação, pois realmente senti o que é detectar as necessidades dos alunos e poder intervir de modo coerente aos alunos.

Nos desdobramento das aulas, foram inseridas aulas lúdicas, oficinas, produções textuais, e atividades de interpretação textual, que promoveram a aprendizagem interativa e interdisciplinar, pontuando que os alunos desempenharam uma excelente desenvoltura, participando ativamente de cada aula.

Foi desafiador, pois os alunos estão acostumados com novidades a cada aula da sua professora, e estar atuando efetivamente como nunca atuei me sobreveio a satisfação de cooperar diretamente com aqueles alunos.

### **3.3.2. Vivência com a turma do 1º ano (Ensino Fundamental I–Módulo 2):**

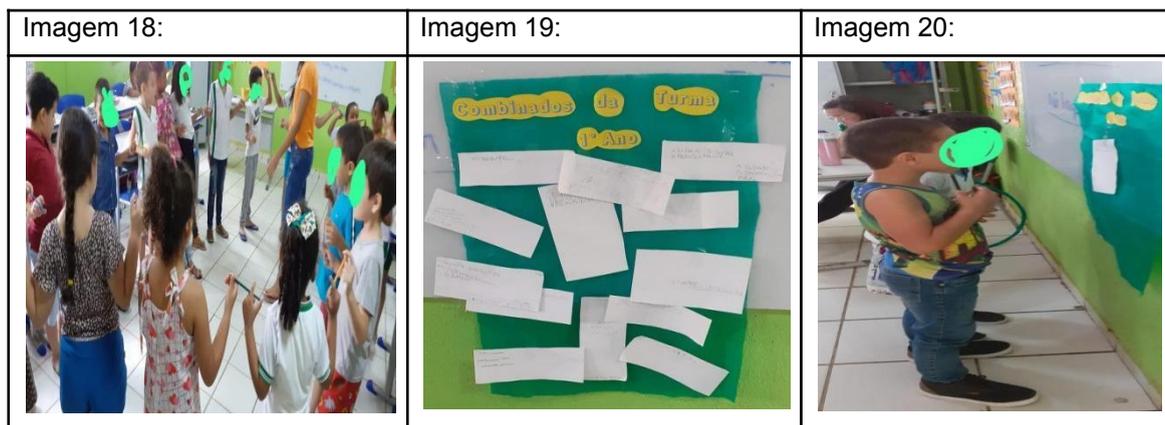
A sequência didática aplicada na turma do 1º ano (Ensino Fundamental I), foi desenvolvida a partir do diagnóstico estabelecido, partindo de um ponto, que a turma de alunos não mantinha em boa convivência, apresentando sempre discussões, brigas frequentes entre os alunos, onde era promovida uma desordem generalizada na sala, a partir dessa concepção, juntamente com minha colega Maria Juliane Ribeiro, elaboramos aulas que envolvessem os alunos a conviverem bem, a fim de acarretar um ambiente acolhedor e proporcionador de uma aprendizagem mais sincronizada, que favorecesse a turma em questão.

Seguindo a temática: "Boa convivência", introduzindo a problematização do mal comportamento dos alunos em sala de aula, com objetivo de estabelecer uma boa convivência entre os indivíduos, no desdobramento das aulas, foram introduzidas aulas reflexivas, através da utilização da ludicidade, e também de atividades de interpretação textual, os alunos não cooperaram com as aulas, apenas quando o interessavam a eles prestavam atenção, mas com muito esforço foi possível realizar as principais atividades estabelecidas na sequência didática.

Foram momentos tensos, de chegarmos a perder o controle do que se estava sendo aplicado, e ter que se reinventar, para poder prosseguir com as aulas, foram aulas que me fizeram querer perder o interesse pela educação pública, pois compreendi o que a professora da sala vivia, o porquê de tantos gritos, não se justifica essa atitude, mas o "grito" foi adotado como principal meio de controle da turma.

Necessariamente fui como muita "sede ao pote", querendo fazer e acontecer, mas na ação percebi que não era do jeito que eu queria ou tinha traçado no planejamento de aulas, pois meu interesse principal seria seguir a risca o que foi planejado para intervir nos problemas que foram diagnosticados na referente turma, ao ponto de ter que readaptar as aulas aos interesses dos alunos, para chamar atenção e aguçar o interesse deles nas atividades.

Agrego a essa experiência com a turma, de estar preparada para flexibilizar o meu planejamento de aula, na hora de sua aplicação, me levando a compreender que não são os alunos que devem se adaptar ao meu planejamento, mas eu adaptar o planejamento de aulas, aos meus alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora: (imagens das atividades executadas pelos alunos do 1º ano)

### 3.3.3. Vivência com a turma do Pré II (Educação Infantil):

Na turma do Pré II, foi ocasionado o meu maior desafio, apesar de ter a experiência profissional para Educação Infantil, nunca tinha elaborado uma sequência didática nesse porte do Residência Pedagógica para a faixa etária em questão, na elaboração de aulas para o 1º e 2º ano, tinha o exemplo de como trabalhar com as turmas, tinha o amparo de ter o acesso aos planejamentos das professoras, ter o acesso ao livro didático, mas na turma do Pré II, não tinha os acessos nem a desenvoltura de ter o apoio da professora de sala.

Com a turma do Pré II, minha intenção era trabalhar uma temática simples, envolvendo o tema “A boa convivência”, fazendo uma releitura do que foi trabalhado no 1º ano (já mencionado), mas houve uma reviravolta em meu contexto, e tive que investir em uma temática inesperada, pois precisei fazer uma ponte dos componentes curriculares do meu curso para aproveitamento das minhas atividades exercidas no PRP, com as disciplinas de Estágio Supervisionado Curricular, com a disciplina de Seminário Temático IV.

Para disciplina de Seminário Temático VI, era necessária a construção de uma sequência didática que englobasse o tema: “Conhecimentos da Natureza e Sociedade na Educação Infantil e a prática pedagógica”, contextualizando essa temática foi atribuída nas regências de aulas, com a referente turma, a introdução do conceito de “Meio Ambiente”, como principal ponto de partida para elaboração das aulas.

Elaborei uma sequência didática, intitulada: “Meu mundinho chamado Terra”, com a problematização de considerar a convivência em sociedade, e também a introdução do meio ambiente, no tocante a conservação da natureza, acarretando das modificações ocasionadas pelas ações humanas no ambiente, a presente sequência didática mobiliza a reflexão dos cuidados com o meio ambiente através de sua preservação, trazendo também como referência o contexto do local em que os alunos estão inseridos, com o objetivo de conscientizar os alunos sobre a preservação do meio ambiente.

Trago o desdobramento da aplicação dessa sequência didática, pois para mim foi o meu maior feito, realizado nesses dois módulos no Programa Residência Pedagógica, ressaltando que tive o acompanhamento de Liliane Gomes Barbosa.

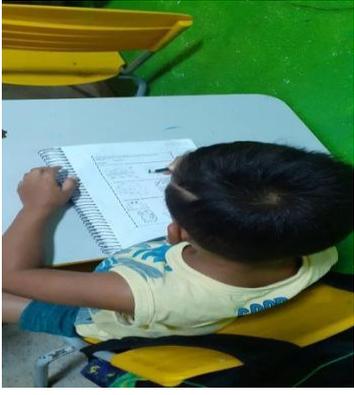
No primeiro dia de aplicação da sequência didática, na aula referente ao dia 18 de setembro de 2023, foram trabalhadas as disciplinas de português, ciências, e geografia, que conforme o planejado a aula foi iniciada com uma cantiga, onde as crianças interagiram e aprenderam a cantar, e foi realizada uma reflexão sobre a letra da cantiga, trazendo a abordagem sobre os seres que fazem parte do meio ambiente relatado na letra da canção.

Imagem 21: Momento de musicalização na turma do pré II	Imagem 22: Momento de reflexão da letra da canção	Imagem 23: Momento de reflexão da letra da canção
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

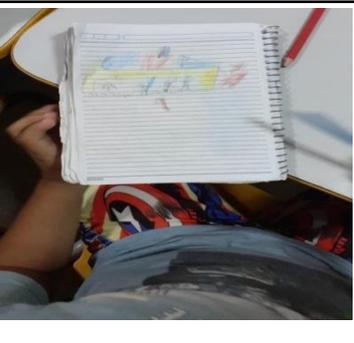
Em seguida foi realizada a atividade proposta, colada no caderno, a referente atividade foi sobre a interpretação audiovisual da cantiga para as crianças identificarem o contexto que envolve a canção, foi levado um tempo para serem coladas essas atividades, pois eram muitas crianças, no referente dia tinham 26 crianças presentes, após a colagem foi feita a explicação da atividade, e as crianças

conseguiram realizar sozinhas, apenas com a explicação, depois foram vistas cada atividade.

Imagem 24: Aluno executando a atividade	Imagem 25: Aluna executando a atividade	Imagem 26: Aluno executando a atividade
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (imagens das atividades executadas pelos alunos do Pré II)

No segundo momento da aula, já com a ponte da reflexão sobre a cantiga anterior, foi aberto um diálogo sobre o meio ambiente que está ao em torno da escola, os alunos, apesar da pouca idade descreveram muito bem o local, e falaram que já tinham visitado a maioria dos lugares, principalmente o Rio Mamanguape e a plantação de cana-de-açúcar, foi proposta a atividade para eles desenharem uma das localidades, a maioria queria desenhar o cemitério que fica por trás da escola, mas repensaram.

Imagem 27: Desenho de aluna	Imagem 28: Desenho de aluno	Imagem 29: Aluno desenhando
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

As crianças falam muito bem ao serem questionadas sobre as localidades, descrevem com clareza e não sentem dificuldades para desenharem, apenas o

processo de atividades é um pouco devagar pois a quantidade de alunos é considerável, e eles precisam de assistência para fazerem pontas de lápis, coisas da rotina de sala de aula, em seguida, foi aplicada a atividade de casa para as crianças pintarem o Planeta Terra.

Esse primeiro dia de aula, me deu bastante medo, pois sempre trabalhei com a dinâmica de me sentar em uma mesa com meus alunos e chamando um por um para realizarem suas atividades no caderno ou no livro, e de repente me vi em uma sala de Educação Infantil, realizando um dos meus maiores desejos profissionais, que era produzir um planejamento de aula, com uma temática enriquecedora, que vai além de copiar letras e números, e me ver naquele contexto, me fez perceber que eu sou uma produtora de conhecimento, a princípio as crianças se mantiveram calmas com a regência, mas a escola para elas é como um parque de diversões, que vão para se descontraírem, mas mesmo assim, o que estava planejado foi realizado.

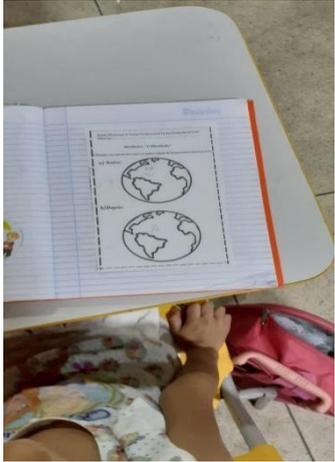
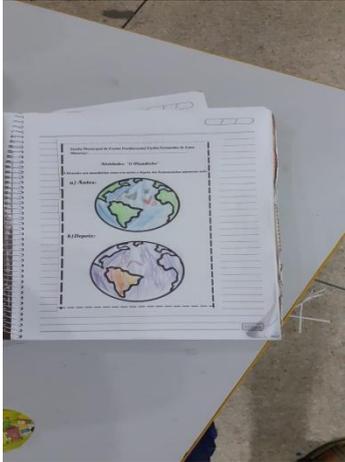
Segunda aula, dia 19 de setembro de 2023, introduzindo as disciplinas de Português, Ciências e Geografia, no primeiro momento da aula, foi inserida a dinâmica “microfone sem fio”, foi falada as palavras “Planeta Terra” no ouvido de uma criança, e passaram umas para as outras, até as primeiras crianças falando e ouvindo foi levando corretamente as palavras, mas do meio para o final da turma as palavras ficaram erradas.

E por fim a última criança falou que ouviu “bicho feio”, e todas riram da situação, é compreendido que é uma coisa do cotidiano a atividade não sair como esperada, pois o planejado que quando as palavras ditas a primeira criança, chegasse corretamente na última criança, para que ela falasse: “Planeta Terra”, mas foi um momento de descontração para as crianças.

Dando sequência a aula, foi pedido para que as crianças apresentassem a atividade de casa, elas conseguiram realizar a pintura do planeta, e falaram que a parte verde era referente a terra, e a parte azul referente a água do mar.

Em seguida, foi apresentado às crianças uma história infantil, através de um vídeo, foi utilizado a televisão da sala para reproduzir o vídeo, as crianças prestaram bastante atenção, logo após, foi aberta um diálogo sobre o que foi apresentado no vídeo, e os alunos descreveram muito bem, e falaram como era antes e o depois do “mundinho” de acordo com o que assistiram e ouviram. E ainda

sobre o vídeo, foi realizada uma atividade onde as crianças expressaram como o “mundinho” era antes e depois da invasão dos homenzinhos.

Imagem 30: Alunas pintando o Globo Terra	Imagem 31: Aluna executando a pintura	Imagem 32: Globos Terras pintados
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo momento, foi realizada a atividade da construção do mundinho dos alunos, cada um desenhou o que para eles eram importantes, e construíram um “mundinho” ideal para eles.

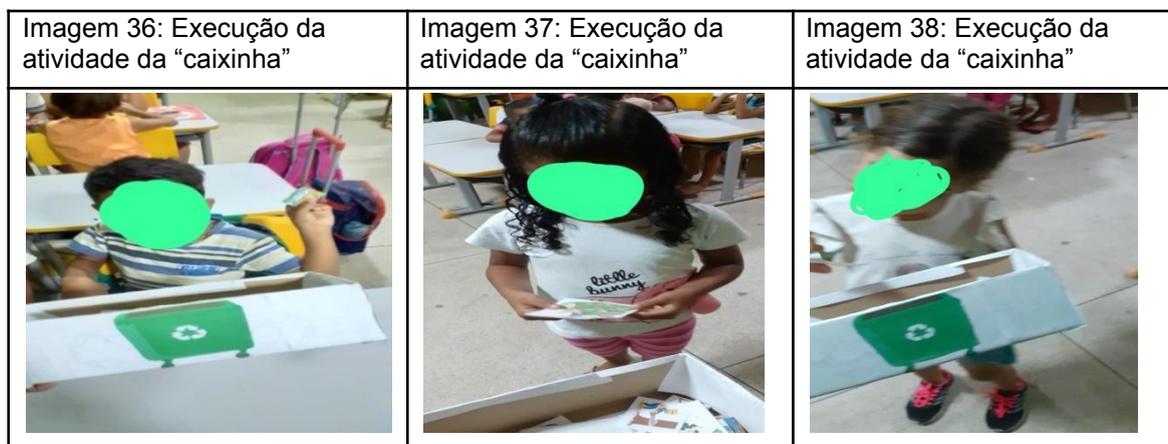
Imagem 33: Aluno desenhando no Globo Terra	Imagem 34: Aluno desenhando no Globo Terra	Imagem 35: Atividade concluída do desenho no Globo Terra
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

E foi colada a atividade para casa, para as crianças desenharem o cômodo da casa favorito delas, para representar o mundinho individual delas.

Nessa segunda aula, já estava mais tranquila pois percebi a desenvoltura das crianças nas atividades, e de como se dedicavam a realizá-las, e ao ouvi-las falarem o que pensam sem serem interrompidas, e impedidas de se expressarem, mais do que nunca me senti uma mediadora do conhecimento para os alunos, com certeza houveram os contratempos, os alunos se interrompiam, uns queriam falar mais que outros, houve brigas entre os alunos, coisas que eles já se habituaram e trouxeram para convivência deles, pude confrontar esses comportamentos das crianças e promover uma organização, pedi para levantarem a mão quando fossem falar, algo simples mas que organizou um pouco a aula.

Na terceira aula, no dia 20 de setembro de 2023, foi introduzida a disciplina de Geografia, onde foi confeccionada uma caixinha, e as crianças retiravam cartões e conseguiam identificar o que podia e não podia fazer no meio ambiente, as crianças realizaram atividade com muito empenho, é importante ressaltar que mesmo sendo crianças pequenas de cinco anos, são alunos ativos e dispostos com as atividades, principalmente com as aulas lúdicas, falam e se expressam bem.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Prosseguindo com a aula, não foi possível fazer a verificação do caderno de casa, não obtive o acesso, mas as crianças falaram o cômodo da casa que desenharam, a maioria desenharam o quarto e a sala, pois é onde se sentem bem.

Utilizando um trecho da historinha do “Mundinho”, que para salvarem o mundinho os homenzinhos teriam que se unirem para salvar o mundo, foi refletido sobre esse conceito de união, e refletimos sobre o descarte do lixo da residência deles, pontuando a união em família ao fazerem o descarte do lixo, e a partir do que eles falaram, questionei se era certo ou errado a maneira utilizada pelos pais deles

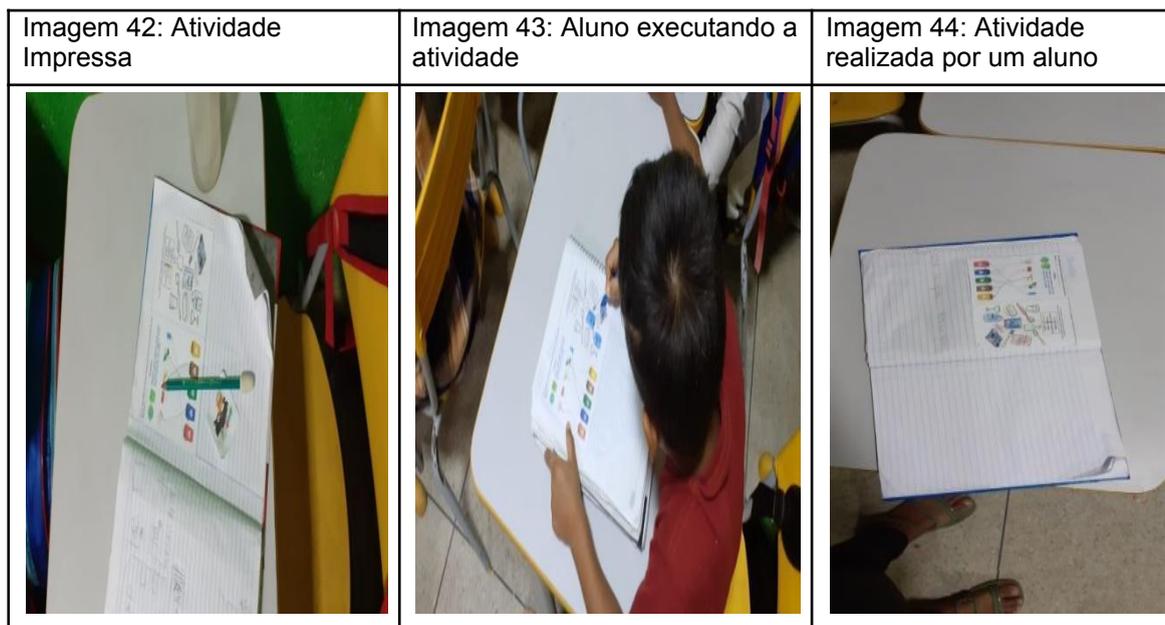
de descartarem o lixo, todos concluíram que é certo pois não estão jogando o lixo na rua, e nem nas localidades próximas às residências, “o lixo é colocado em sacos ou sacolas e o caminhão do lixo leva” (palavras dos alunos), contando que a grande maioria mora perto da escola, eles observam essa rotina também na escola.

Dando continuidade com aula, um pouco modificado do planejado na sequência didática, foi mostrado às crianças as lixeiras da coleta seletiva, e a maioria já sabia o que cada cor de lixeira representava, com isso, foi entregue figuras impressas, de papel, metal, plástico, orgânicos, vidros, aos alunos, para colocarem no cartaz impresso com a lixeira, a atividade foi muito proveitosa, as crianças conseguiram realizar sem nenhuma dificuldade.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo momento da aula, foi realizada uma atividade no caderno, foi realizada a explicação, mas as crianças demoraram bastante para realizá-la, pois a maioria não tinha lápis de colorir, e esperavam umas pelas outras para dividir o material. Em seguida, foi colada uma atividade para casa, para aprofundar como é feita a coleta de lixo na residência dos alunos.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Esta terceira aula foi muito movimentada, os alunos puderam falar do que percebiam, ao que estava em volta deles, para mim é algo recompensador ouvir as crianças, pois no meu cotidiano sou instruída a manter meus alunos em silêncio e sentados, tenho até um apelido de “general”, mas foram as demandas do trabalho que me ocasionaram essa característica, me permiti descaracterizar-me de tudo a que estava acostumada, e então poder promover a esses alunos uma aprendizagem espontânea, livre da mecanização que a rotina os impõe.

Na quarta aula, do dia 21 de Setembro, foi introduzidas as disciplinas de Português, Ciências, Geografia e Matemática, promovendo uma reflexão sobre o dia da árvore, no primeiro momento da aula, abrimos um diálogo sobre as árvores, e os alunos falaram as espécies de árvore que viam no percurso até a escola, falaram que veem mangueiras, jaqueiras, bananeiras, e muitas árvores que não davam nenhum fruto, falaram que se alimentam dos frutos dessas árvores.

Em seguida, foi aberta um diálogo sobre a comemoração do dia da árvore, e a importância das árvores para o meio ambiente, em foi feita a citação de um poema, as crianças prestaram atenção e ficaram atentas, ao que estava sendo falado, e também interagiram, falando como as árvores são importante para eles, por darem sombra, deixar o ar puro, dar frutas para comerem, foi um momento muito proveitoso, os próprios os alunos tomaram o conceito de desmatamento e falaram o que eles entendem, quem faz o desmatamento, falaram que eram os homens, e quem mais se prejudica com isso, falaram que os animais são os mais prejudicados

pois não sabem se defender, e as árvores servem de casa para eles e dão alimentos para os bichos, foi um diálogo amplo.

Em seguida, foi promovido com os alunos um ato de compromisso de protetores das árvores, foi construída uma árvore simbólica, onde cada aluno marcou com sua mão com tinta verde, e foi formada uma bela árvore, e se sentiram os heróis da natureza.

Imagem 45: Aluna marcando sua mão no desenho da árvore	Imagem 46: Aluno pintando a mão	Imagem 47: Atividade de construir a árvore concluída
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo momento da aula, foi realizada uma atividade impressa e colada no caderno, as crianças realizam sem dificuldades a atividade, apenas com a explicação, só demoram um pouco devido a falta do material (lápis, borracha, lápis de colorir).

Imagem 48: Aluna executando a atividade	Imagem 49: Atividade colada no caderno	Imagem 50: Aluno mostrando a atividade
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Após ter realizado as atividades, foi feita a experiência de plantar sua própria planta, cada um desempenhou o seu trabalho de plantar a semente de feijão no

algodão, foi uma atividade memorável para cada aluno, eles levaram para casa para cuidar da sua semente. Também foi lançado o desafio para eles plantarem em casa, no quintal, sementes de feijão ou milho, para cuidarem, e promover o crescimento da planta.

Imagem 51: Alunos mostrando suas experiências	Imagem 52: Aluna executando a experiência	Imagem 53: Aluna executando sua experiência
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

As crianças não sentem dificuldades ao manusear os materiais da atividade, apenas há sempre um alvoroço entre eles, mas se empenham na realização, os alunos levam seus copinhos com as sementes para casa, para cuidarem, e se sentem satisfeitos com a realização do trabalho.

Imagem 54: Aluna com a árvore produzida	Imagem 55: Aluna com a árvore produzida	Imagem 56: Aluno com a árvore produzida
		

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Na quarta aula, tive um dos momentos mais lindos como residente, pude promover alegria a essas crianças através do conhecimento, enquanto realizavam a

experiência da semente de feijão no algodão, contemplei a união entre as crianças, se ajudando, realizando um trabalho conjunto para que nenhum deles ficasse sem fazer a sua experiência, foi algo muito satisfatório, pois indiretamente intervir naquilo que queria ter trabalhado com a turma, pois na maioria das vezes só via os alunos arengando, competindo quem fazia mais rápido ou melhor as atividades.

Na quinta aula, realizada no dia 22 de setembro de 2023, foi introduzida as disciplinas de Artes, Geografia, e Ciências, no primeiro momento da aula foi perguntado sobre o desafio lançado na aula anterior, muitos não realizaram, pois afirmaram ter criação de galinhas no quintal, e os pais não permitirem, pois as galinhas poderiam comerem as plantas que nascessem.

E foi prosseguida a aula, retomando a maioria das reflexões feitas durante a semana, com a cantiga, lembrando a história do “mundinho”, as crianças se expressaram de forma positiva de como se sentiram durante a semana, o que aprenderam, o que vai ficar marcado no aprendizado de cada uma, foi um momento impactante, pois os alunos falaram muito bem do que foi abordado, alguns gostaram mais da coleta seletiva, outros de plantar a semente de feijão, foram momentos importantes para cada um deles.

Imagem 57: Momento de diálogo



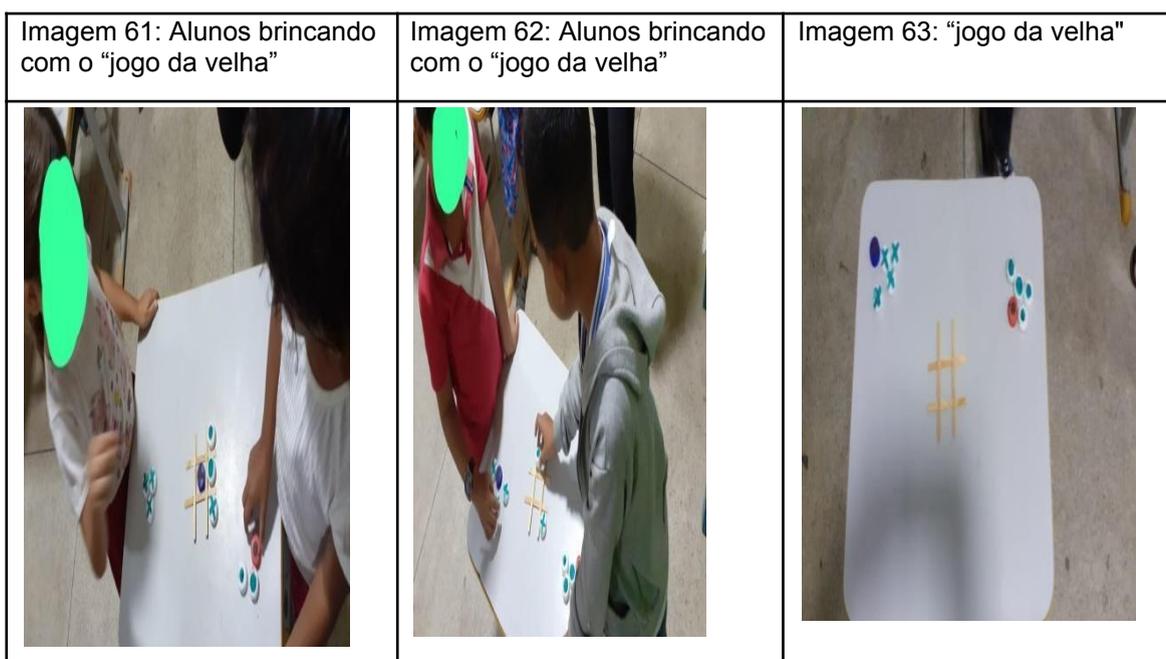
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Após esse diálogo, foi promovida uma oficina, onde foi construído para cada aluno um jogo da velha com palitos de picolé e tampas de garrafa, a princípio a ideia era que por dupla, as próprias crianças construíssem seu jogo, mas por motivos de segurança por utilizar pistola de cola quente, a residente fez o manuseio de construir e os alunos observaram atentos, para aprenderem a fazer.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

No segundo momento da aula, os alunos se dividiram em duplas para jogar o jogo da velha, e foi um momento muito divertido, todos participaram, em seguida, a princípio a ideia era fazer uma visita na horta da escola, mas não foi possível, com isso foi aberto um diálogo sobre a horta, e as crianças responderam o que conheciam, se já comeram frutos de lá, a maioria já conhecia a horta, foi mostrada fotos da horta as crianças, e foi um momento de partilhar conhecimentos do local entre os colegas, em seguida, foi promovida uma recreação na quadra da escola



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

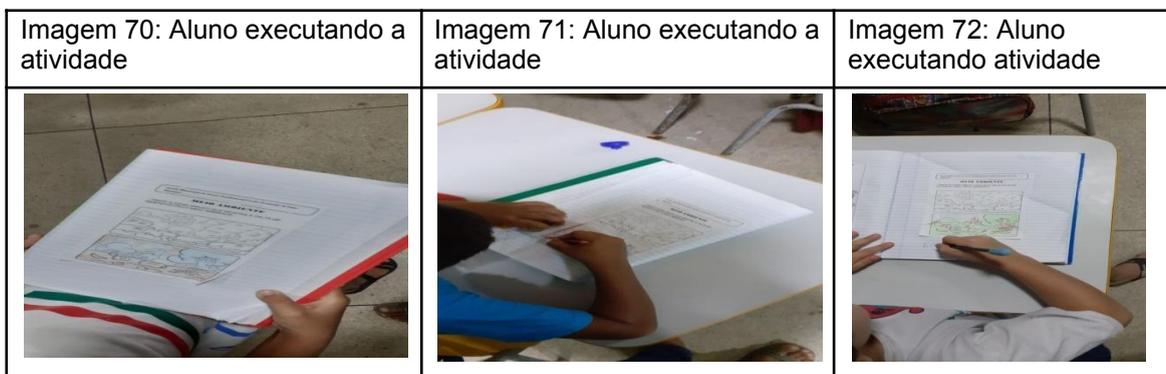


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

E voltamos para sala, realizando a última atividade onde as crianças identificam a imagem que mostra o desrespeito com o meio ambiente e pintam, e assim foi concluída a sequência, os principais objetivos alcançados, e principalmente os alunos aprenderam e se conscientizaram sobre o Meio Ambiente, como proposto a princípio.



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora

Na última aula, tive muitos contratemplos, pois nem tudo saiu como planejado, não foi possível promover um meio para que as crianças produzissem seus próprios “jogos da velha”, não consegui levar a turma para um visita na horta da escola, e tive que readaptar o que foi planejado, mas a melhor parte é que ao receberem o “jogo da velha”, e jogarem entre eles, ouvi muitos falarem: “que legal, é um brinquedo que não foi comprado na loja, mas é muito divertido!”, e essa fala das crianças me fez refletir que algo simples também pode promover aprendizagem, e mesmo sem visitar a horta, fui tirar fotos no celular para mostrar às crianças, e ainda insisti e consegui um momento de recreação para eles.

E consegui completar a semana de aula, muitas coisas não saíram como planejado, mas com um sentimento de realização por ter dado o meu melhor, me percebendo não com uma “general”, e nem como uma babá, ou uma instrutora que promove crianças a reproduzirem o que veem em uma folha de caderno, mas como uma docente em construção que se percebeu como uma produtora e mediadora de conhecimentos, que cria possibilidades para o ensino e aprendizagem dos alunos, tomando uma capacidade de poder inovar, e me adaptar às variadas situações a que estava introduzida.

### **3.4 As contribuições das experiências no programa residência pedagógica na minha formação docente**

Quero apresentar as contribuições que recebi na minha formação docente com as experiências vivenciadas no Programa Residência Pedagógica (PRP), como resultados desta pesquisa autobiográfica, que ao descrever e ao mesmo tempo refletir sobre as minhas práticas enquanto residente, também vinculando a minha experiência profissional, foi evidenciada a necessidade de antes apresentar os resultados, trazer no presente texto o máximo de descrição e apontamentos para minha compreensão do que vivi, dando breves descrições de algumas partes e se aprofundando nas partes das vivências que foram mais importante para mim, aparentemente a escrita desta monografia, a primeira vista pode parecer um relatório de um estágio supervisionado, mas como entender os resultados, sem conhecer o processo contextualizado por mim?, e ao escrever essa narrativa autobiográfica, pude perceber o que me foi agregado como contribuição na minha formação docente, enquanto residente.

A princípio quero estabelecer a importância da bolsa ofertada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), aos residentes, um valor considerável que tem contribuído diretamente com minhas necessidades financeiras, uma vez que me abduquei de um horário do meu trabalho para estar me dedicando às demandas do Programa Residência Pedagógica.

Expresso sem me envergonhar, que até um certo período do meu curso, não conhecia a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nem tão pouco, como identificar e utilizar das habilidades e competências expressas nela, e que na minha carreira profissional, não fazia uso dessas habilidades e competências, na outra licenciatura que ingressei (particular), ainda tive conhecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), mas foi algo muito superficial.

Mas foi no Residência Pedagógica (PRP), que aprimorei o conhecimento que habilitei no curso, aprendi o que significa as letras e os números introduzidos aos códigos de identificação, como utilizar dos cinco campos de experiências, e introduzir as habilidades e competências na construção de aulas, no presente entendo o conceito de interdisciplinaridade e de como aplicá-la no cotidiano da sala de aula, uma vez que no meu trabalho na escola particular não tive e não tenho essa autonomia, de produzir e de aplicar os conhecimentos que foram adquiridos no meu curso acadêmico.

E como utilizar da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), se não sabia desenvolver planos de aulas?, foi durante o processo do curso que foi me integrada na teoria, a base da construção dos planejamentos, com uma dinâmica de produzir as devidas ações para o contexto inserido, planos de aula, para o desenvolver adequado de manejo do que seria aplicado em sala de aula para serem usados nas regências do Estágio Supervisionado, mas eram experiências momentâneas, que enquanto estagiária aparecia na escola e cumpria o cronograma do estágio, e não via o resultado do que desenvolvi com os alunos, não desvalorizando as experiências dos estágios, mas pontuando como algo pessoal da minha construção docente que precisava viver mais a escola pública.

Com a Residência, como o próprio nome á habilita, eu vivi a escola, e na escola, como já explícito, eu convivi com alunos e professores diariamente, acompanhei o desenvolvimento dos alunos e ao detectar as necessidades de aprendizagem dos alunos, consegui intervir através da construção e regências de aula, e também nas observações participativas, pois estava na escola, não só

observando e anotando no meu caderno de campo, mas estava atuando como um agente mediador, no que as professoras me davam autonomia de estar executando, assim podendo contemplar os resultados das minhas ações para aprendizagem dos alunos, cuja experiência, que me permitiu viver a escola pública, sem está vinculada como funcionária, me promovendo a contribuição de atuar na escola pública.

Na minha experiência profissional em escola particular, fui conduzida a uma percepção de que os alunos em sala de aula se classificavam por um valor de uma mensalidade, inteiramente ligados ao lucro financeiro, não me cabe buscar meios para intervir nas necessidades de aprendizagem dos meus alunos, preciso seguir corretamente o que me é direcionado pela gestão.

A conveniência para escola particular onde trabalho é a minha atuação de manter o aluno limpo, sem se machucar, e o instruir a copiar letras e números, e escrever seu nome, para quando forem fazer as atividades direcionadas para casa, mostrarem aos pais que sabem copiar, assim manter o aluno na escola e garantir o pagamento mensal, palavras duras a serem escritas, pois por muito tempo me rendi a esse contexto.

Não contestando dos devidos cuidados com as crianças em sala de aula, mas me desapegando do conceito que o aluno é apenas um depósito para ser abastecido do que era me dito como aprendizagem, mas reformulando esse conceito, para poder enxergar o aluno como um ser pensante e transformador, que com a devida mediação, as crianças podem sim, superar suas dificuldades e se desenvolverem com as devidas ações que correspondam às suas particularidades, não defino as ações transformadoras como algo imediato, mas é um processo paulatino, que exige do docente o devido conhecimento reflexivo das ações intercessoras, e de como conduzi-las aos seus educandos.

A Residência, me promoveu isso, de enxergar a capacidade dos alunos de se expressarem, ao serem introduzidos a uma temática, e refletirem sobre ela, como crianças, do jeito delas, sem serem impedidas de falar, e de desempenharem suas atividades no seu devido tempo, ultrapassando o aprender só de letras e números, mas se aprimorando do processo de ensino e aprendizagem como algo prazeroso, sem abrir mão da alfabetização e letramento, mas acarretando o alfabetizar como uma consequência benéfica, das aulas reflexivas.

Ainda como contribuição recebida no Programa Residência Pedagógica, ao participar das reuniões formativas na escola campo, acompanhei um pouco do

trabalho da coordenação pedagógica da escola, a forma que eram regidas as reuniões, as pautas abordadas, as discussões formativas, que me foram integrados como conhecimentos da prática observada, até então nunca tinha participado, de reuniões pedagógicas enriquecedoras, que deram exclusividade aos assuntos da escola, e não a assuntos irrelevantes que não cooperam com os avanços educacionais.

A partir dessas reuniões, que me vi na possibilidade de levar aquela dinâmica para o meu espaço de trabalho, conseguindo então mostrar o que tinha aprendido na escola campo, através da residência, onde no meu trabalho criei a possibilidade de mostrar conhecimentos, e foi perceptível pela diretora e dona da escola particular a minha desenvoltura em fala e modo de agir com colegas de trabalho, foi então que recebi a proposta de assumir a coordenação pedagógica da escola particular que trabalho atualmente, atribuo esse acontecimento, como contribuição nas minhas experiências com a residência.

Pontuando que ainda fui chamada pela gestão da escola campo, para assumir um programa de leitura (Programa Tempo de aprender do Ministério da Educação-MEC), introduzido na escola pela prefeitura municipal, um trabalho voluntário, mas que possuía uma remuneração financeira, onde passei o período de 3 meses, instruindo crianças da turma do 2º ano (Ensino Fundamental), em práticas de leitura, e em reforço nas atividades cotidianas.

Com meu desempenho em sala de aula na escola campo, uma professora me designa a substituí-la quando precisa faltar no trabalho (em dias aparte da atuação no PRP), e me remunera pelos meus serviços, também atribuo essas conquistas a minha experiência na residência, pois foi através da minha atuação enquanto residente que foi percebido que posso assumir ao que me demanda, evidenciando os meus avanços profissionais.

As contribuições que recebi em minha formação docente através do Programa Residência Pedagógica, não se limitam a essas que narrei, pois ao ler e reler novamente minha narrativa autobiográfica posso refletir e sempre aprender algo novo com minhas experiências, vivenciadas nesses dois módulos de residência, estabelecendo que adquiri para minha formação docente os saberes das experiências.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No escrever desta narrativa, constantemente me perguntava: "quais contribuições essa pesquisa traria para o meu curso, e para meus colegas de curso?", no decorrer de cada vivência narrada, estabelecendo as minhas memórias profissionais e de formação, tive a percepção de como é bom aprender com as experiências, sejam as próprias, ou as de outras pessoas, e ao concluir a escrita e as reflexões, consigo enxergar a minha pesquisa como um incentivo para os docentes em construção buscarem aprimorar sua formação.

Compreendo que antes de ter o conhecimento das teorias estudadas no meu curso, já tinha a prática de sala de aula, que comparo a um corpo sem alma, eu tinha o mecanismo da prática (o corpo), mas não tinha o conhecimento da teoria, como a base para realizar as ações (a alma), nessa perspectiva desse relacionamento mútuo, um fator precisa do aparato do outro, que segundo Freire (1996), se não houver a reflexão conjunta dessa relação, a teoria se torna insignificante e a prática uma doutrinação alienada: "A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo" Freire (1996,p.22).

Necessariamente precisei fazer essa reflexão crítica da minha prática, enquanto profissional, para evidenciar as lacunas que permeiam minha formação e buscar os meios necessários para estar me redimindo e manter o foco no alvo principal, que é concluir meu curso com uma boa formação (corpo e alma/ teoria e prática relacionadas), e garantir um bom desempenho com meus alunos, precisei evidentemente da Residência Pedagógica, que teve uma grande influência nesse aspecto também, pois antes de todo processo na Pedagogia, pensei que sabia de tudo, e essas experiências profissionais, em alguns momentos das vivências na residência, se estabilizaram em quase nada.

Pontuando que os objetivos específicos foram abordados no decorrer dos capítulos traçados desta monografia, com o primeiro objetivo específico de apresentar documentos norteadores do PRP, que está estabelecido no segundo capítulo, pontuando as resoluções e objetivos do PRP, ainda no segundo capítulo, e no decorrer dissertativo do presente texto, foi possível Relacionar o PRP com a formação docente, atribuindo que as experiências estabelecidas na residência contribuem para construção da identidade docente, e no terceiro capítulo são

apresentados os Relatos das experiências que vivenciei atuando como residente na escola campo, e ainda no terceiro capítulo é introduzida a resposta para a problemática que regeu a presente pesquisa autobiográfica, compreendendo as experiências, e concluindo a pesquisa estabelecendo as contribuições recebidas.

Assim atribuo que as contribuições a mim promovidas, foram além da minha construção docente, pois ao me ver inserida nesses vários contextos, consegui aprender com cada profissional, e com cada aluno que conheci e convivi, que me dispuseram um conforto em minha atuação, e ter uma certeza maior de que fiz a escolha certa em ser professora, pois ao ingressar na Universidade Federal, só queria conseguir meu certificado de conclusão de curso, para poder me manter em um trabalho, isso era tão evidente que nunca me permiti participar das pesquisas de extensão ou projetos que eram divulgados no âmbito do curso.

Mas chegou um momento em que me percebi apaixonada pela Pedagogia, e ao conhecer diversos autores e suas teorias, senti que tudo que já tinha vivenciado como educadora era muito pouco e não chegava a ser considerada por mim, uma prática docente, com isso veio o despertar o interesse pela escola pública, mas não via a possibilidade de atuação, além dos estágios supervisionados, foi então que em meados de concluir o curso me foi direcionada a proposta de participar do Programa Residência Pedagógica, então abracei a oportunidade, de me descontextualizar do medo que tinha de perder o trabalho, e me afastei de um dos horários de serviço, e me dediquei a residência.

Foi uma das oportunidades mais importantes da minha vida acadêmica e pessoal, que ao mencionar a vida acadêmica relacionando ao residência, como uma via de potencializar tudo o que havia aprendido durante o curso, e ao mencionar a vida pessoal, é porque a residência chegou em um momento oportuno que por devaneios emocionais estava a ponto de desistir de tudo e de mim mesma, e ao vivenciar cada momento, e ver o que estava construindo percebi a importância das minhas ações, não só para mim, mas também para quem estava à minha volta.

Ao descrever minha realidade, reflito no quão crítica são minhas palavras, quanto ao meu trabalho, pois penso na quantidade de crianças que passaram por mim, e eu fiz muito pouco por elas, por conta da minha ignorância em conhecimentos pedagógicos, e das diversas impossibilidades expostas, mas me conforto em saber, que tenho uma nova perspectiva do que é o processo de ensino e aprendizagem, principalmente na área que é a minha paixão, a Educação Infantil,

onde tive o prazer de atuar em sala de aula em uma escola pública, e por em prática as teorias estudadas.

Quero atribuir a presente autonarrativa, como um meio de autoconhecimento e autoformação, pois aprendi ao escrever sobre minhas experiências, e conseqüentemente narrei aprendizagens que passaram imperceptíveis durante esse processo que me dedico em vida.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Aline Cleide; FAHEINA, Evelyn Fernandes Azevedo. **A escola como espaço de formação docente:** Reflexões acerca do Programa Residência Pedagógica. ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO/XX ENIPE-DIDÁTICA(S) ENTRE DIÁLOGOS, INSURGÊNCIAS E POLÍTICAS: tensões e perspectivas na relação com a formação docente. 1 ed. Rio de Janeiro/Petrópolis: Faperj; CNPq; Capes; Endipe /DP et al., 2020. p. 495-505.

BRASIL. **Portaria Capes Nº 175 de 7 de Agosto de 2018/ 26 de Abril de 2022.**

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para formação continuada. Resolução CNE/CP n. 02/2015, de 1 de julho de 2015. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16870-res-cne-cp-001-07012015&category\\_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16870-res-cne-cp-001-07012015&category_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 15 de out. 2023.

**Breve apresentação do curso em Licenciatura em Pedagogia-UFPB/ CAMPUS IV.** 2020. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ded/contents/paginas/sobre-o-curso-de-licenciatura-em-pedagogia>. Acesso em: 15 de out. 2023.

CANÁRIO, Rui. A Escola: o lugar onde os professores aprendem. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n.6, p.9-27, 1998.

CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de forma. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 14, n. 24, p. 32, 2005.

CANDAU, Vera Maria. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: CANDAU, Vera Maria (org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

**Curso de Pedagogia.** 2018/2023. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ded/contents/menu/ensino-pesquisa-e-extensao/curso-de-licenciatura-em-pedagogia>. Acesso em: 15 de out. 2023

FARIA, Juliana Batista. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa:** Experiências de formação de sujeitos em imersão docente. Biblioteca da FaE/UFMG. Belo Horizonte, abr. 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSBA8PTQ/1/faria\\_2018\\_tese\\_finalcompleta.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOSBA8PTQ/1/faria_2018_tese_finalcompleta.pdf). Acesso em: 15 de out. 2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete. A Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out. de. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2023.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIMA, Maria Socorro Lucena; GOMES, Marineide de Oliveira. Redimensionando o papel dos profissionais da educação: algumas considerações. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito** (org.). 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MUNSBURG, João Alberto Steffen; SILVA, Denise Regina Quaresma da. Constituição Docente: Formação, Identidade e professoralidade. In: Seminário Internacional de Educação: Diálogos sobre textos e contextos da educação-SIE, 14, 2014, Novo Hamburgo. **Anais...** Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2014, p. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/c735bc84-d79f-4e7a-9ef3-51415c94f684/CONSTITUI%C3%87%C3%83O%20DOCENTE%20FORMA%C3%87%C3%83O,%20IDENTIDADE%20E%20PROFESSORALIDADE.pdf>

NÓVOA, António .**Professores imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NÓVOA, António (org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2013.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4758>. Acesso em: 21 nov. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (org.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo/SP: Cultura Acadêmica, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido (org). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez Editora, 1999, p.15-34.

PIMENTA, Selma, Garrido. **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. Saberes Pedagógicos e Atividade Docente. São Paulo: Cortez, 2000.

ROLDÃO, Maria do Céu. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr. 2007.

SOARES, Maria Valdenice Resende. Professora Leiga (1950-1980): Formação no exercício da prática docente. In: NUNES, Maria Lúcia da Silva (org). **Paisagens da História da Educação: Memórias, imprensa e literatura**. Fortaleza/CE: Editora da EUECE, 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed.: Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

GALVINO, Amanda; GUEDES, Larissa; SCHULER, Miguel. **CAMPUS IV, Mamanguape e Rio Tinto-PB**. 2021. Disponível em: <http://www.ufpb.br/aci/contents/paginas/campi/campus-4>. Acesso em: 15 de out. 2023.

**Histórico, um pouco da história do campus IV e do CCAE**. 2017/2002. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ccae/contents/menu/ccae-1/institucional>.

**PEDAGOGIA (LICENCIATURA)/CCAЕ-MAMANGUAPE-PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO RESOLUÇÃO Nº 14/2019**. 2023. Disponível em: [https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=1626838&lc=pt\\_BR](https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=1626838&lc=pt_BR). Acesso em: 15 de out. 2023.

**Universidade Federal da Paraíba-Departamento de Educação-Centro de Ciências Aplicadas e Educação- CCAE**. 2023. Disponível em: [https://sigarq.ufpb.br/arquivos/2020082119a2f51825538e48aa791b53d/Pedagogia\\_IV\\_CCAE\\_-\\_R14\\_19\\_PPC.pdf](https://sigarq.ufpb.br/arquivos/2020082119a2f51825538e48aa791b53d/Pedagogia_IV_CCAE_-_R14_19_PPC.pdf). Acesso em: 15 de out. 2023.

**APÊNDICES****Período: 18/09/2023 á 22/09/2023**

<b>SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>
<b>ESCOLA:</b> Escola Municipal de Ensino Fundamental Doutor Adailton Coelho Costa.
<b>ANO/ETAPA DE ESCOLARIDADE:</b> Pré II/ Educação Infantil
<b>ESTUDANTES/PROFESSORAS:</b> Paula Caroline Ferreira
<b>TEMA:</b> Meu mundinho chamado Terra. <b>PROBLEMATIZAÇÃO:</b> Considerando a convivência em sociedade, e também a introdução do meio ambiente, no tocante a conservação da natureza, acarretando das modificações ocasionadas pelas ações humanas no ambiente, a presente sequência didática mobiliza a reflexão dos cuidados com o meio ambiente através de sua preservação, trazendo também como referência o contexto do local em que os alunos estão inseridos.

<b>COMPONENTES CURRICULARES:</b> Português, Matemática, Geografia, Ciências, Artes.
<b>CONTEÚDOS:</b> Natureza e sociedade: Meio ambiente; Desenhar; Interpretação oral; Contação de história; Contagem.

<b>OBJETIVO GERAL:</b> Conscientizar os alunos sobre a preservação do meio ambiente.
---

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Promover uma reflexão do que é, e de como preservar o meio ambiente;
- Estabelecer a contribuição de cada aluno na conservação do ambiente;
- Despertar o interesse dos alunos de conhecer o meio que os cerca.

**DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO :****1ª AULA: Português/ciências/ geografia-18/09****1º Momento:**

Início da aula as 7 horas, a princípio será formado um círculo com as crianças no chão, com o intuito de seguir a rotina da professora, será iniciada com uma cantiga, cantando e gesticulando com as crianças:

“Era uma casa bem fechada, abre a janelinha que lá vem o sol.

Nessa casa tem muitas árvores, e os passarinhos pousam nelas sim, também na casa tem uma ponte, e por baixo dela passa um rio sim.

Essa casa é o nosso planeta vamos conhecer, essa casa é o nosso planeta vamos aprender!” (música adaptada pela residente).

Em seguida, será promovida uma conversa com os alunos, onde será pontuado pela cantiga, alguns aspectos que fazem parte do meio ambiente (árvores, passarinhos, rio). Para uma interpretação e verificação do que foi apresentado será aplicada uma atividade impressa em sala:

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Fernandes de Lima*  
 Alune(a): \_\_\_\_\_  
 Atividades:

**Cantiga:**  
 1. Depois ouvir a cantiga, pinte a figura que representa o meio ambiente apresentado na canção:




2. Qual é a "casa" que a Cantiga se refere? Marque um X na sua resposta:




3. Na Cantiga aparece algum animal? Qual? Circule-o.






## 2º Momento:

No segundo momento da aula, já com uma introdução do momento anterior, será aberto um diálogo sobre o meio ambiente que cerca os alunos, pontuando a localização da escola (cuja está cercada por uma plantação cana-de-açúcar, um campo de futebol, a horta da escola, próxima a localidade está o rio Mamanguape.), fazendo menção e pedindo a descrição que as crianças têm de cada ponto apresentado, mobilizando a reflexão que elas também fazem parte desse “meio ambiente”.

Em seguida será pedido, que escolham alguns desses pontos mencionados, e façam um desenho, trazendo uma descrição do que já viu nele: animais, árvores, pessoas, tendo a compreensão do meio que está inserida.

Para a atividade de casa, será colocado o desenho do planeta Terra, para ser colorido.

## 2ª Aula: Português/ geografia / ciências -19/09

### 1ºMomento:

Iniciando a aula com uma dinâmica “microfone sem fio”, será falado a palavra “Planeta Terra” no ouvido de uma criança e será passado para as demais, até chegar na última, e comparar com o que a primeira criança passou.

Tomando a palavra usada, “Planeta Terra”, será apresentada a atividade de casa da aula anterior, e questionará as crianças, se elas já tinham visto o globo terrestre, porque usaram as cores que pintaram, quem será que mora nesse planeta?

Dando sequência a temática da sequência, com uma contação de história “O mundinho”, com a introdução de “luvas e figuras”.



Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=W4r42MGNLfI>

Após ouvir a história, será perguntado às crianças o que foi modificado no “mundinho”, quando os homens vieram morar nele, o que aconteceu com eles por não ter cuidado direito do “mundinho”, e o que os homens fizeram para resolver, com um diálogo aberto onde as crianças possam expressar o que entenderam da contação da história.

Em seguida será feito uma atividade impressa, em sala:

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Fernandes de Lima*  
 Aluno(a): .....

**Atividades: "O Mundinho"**

**1. Desenhe nos mundinhos como era antes e depois dos homenzinhos morarem nele:**

**a) Antes:**



**b) Depois:**



2º Momento:

No segundo momento, será realizado uma atividade em conjunto, os alunos irão montar o “mundinho” deles, em um cartaz com o desenho do planeta em branco, será pedido que cada aluno desenhe algo ou algum animal, que eles achem importante para o meio ambiente, e falar o porque desenhou.

Para a atividade de casa, será para as crianças fazerem uma representação do “mundinho” delas, escolherem um cômodo da casa delas e desenharem, e dizerem o porquê de gostar desta parte da casa.

### 3ª Aula: Geografia-20/09

#### 1º Momento:

Para iniciar a aula, será feita uma dinâmica, onde será utilizado de uma caixa, onde terá cartões ilustrando o que deve, e o que não deve se fazer na preservação do ambiente, cada criança irá tirar um cartão, e classificar a imagem falando se pode ou não pode agir como está na ilustração, promovendo uma reflexão sobre as atitudes dos próprios alunos e das pessoas que estão em volta deles.

Em seguida será feita a correção da atividade de casa, e retomar a história do “mundinho”, enfatizando que para salvar o “mundinho” os homenzinhos teriam que se unirem, para promover um exemplo de união para conservar o meio ambiente, será tomado por reflexão o que acontece na casa das crianças no descarte do lixo, será perguntado se eles acham certo ou errado do que foi observado por eles em casa, e será apresentado o modelo de coleta seletiva, onde cada material é descartado de acordo com as cores da lixeira.



Em seguida, serão espalhados pela sala várias figuras representando os materiais: vidro, papel, plástico, metal e orgânico, serão confeccionadas caixas com as respectivas cores de descarte de cada material, as crianças em conjunto farão a separação e coleta seletiva, pegando cada figura e colocando na sua caixa correspondente, depois será feita a verificação e correção.

#### 2º Momento:

No segundo momento da aula, será introduzida, uma atividade impressa para verificação da aprendizagem do primeiro momento:

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Fernandes de Lima*  
 Aluno(a): \_\_\_\_\_

**Atividades:**

**Mostre que agora você é um amigo da terra e ligue cada lixo a lixeira correta.**





Vamos fazer uma coleta seletiva dos materiais?  
 Para isto, pinte os elementos conforme a legenda abaixo.

AZUL	▶ PAPEL
VERMELHO	▶ PLÁSTICO
VERDE	▶ VIDRO
AMARELO	▶ METAL



Em seguida, será introduzida a atividade de casa, onde cada aluno irá observar se em sua casa ou nas proximidades, existem árvores plantadas, e cada um irá desenhar a árvore encontrada.

Em seguida será direcionada uma atividade para casa, onde os alunos irão observar em suas casas como é feito o descarte do lixo, e como é feita a coleta, irão registrar na atividade impressa e colada no caderno:

*Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Fernandes de Lima*  
 Aluno(a): \_\_\_\_\_

**Atividade para Casa: O lixo em sua casa!**

**1. observe como é feito o descarte do lixo em sua casa, pinte sua resposta:**



**2. como é feita a coleta do lixo? Marque um X na sua resposta:**



#### 4ª Aula: Português-Ciências- Geografia- Matemática-Artes- 21/09

##### 1º Momento:

No primeiro momento da aula, iremos conversar sobre as árvores que as crianças veem no seu percurso até a escola , em seguida iremos conversar sobre a diversidade de árvores existentes e quais são as árvores que mais existem na região em que moramos.

Posteriormente, explicaremos aos alunos que existe em nosso calendário um dia especial para comemorar “O dia da árvore”, referente ao dia 21 de Setembro, será recitado um poema, sobre a árvore:

“Nossa amiga árvore

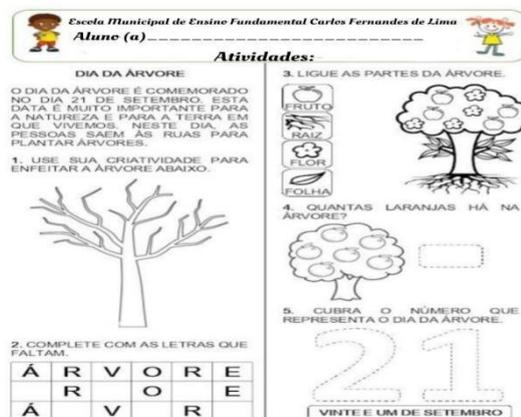
Dona árvore dá fruto, faz sombra bem fresquinha, deixa o ar mais puro, faço nela uma marquinha. Ela é a vida, é o oxigênio, alimenta quem planta, não corte, nem maltrate, cuide dela sem cansar!”(Regina C. Villaça Lima)

Em seguida, será feita uma reflexão sobre a importância da árvore, para o meio ambiente, para os animais e seres humanos, o que acarreta o desmatamento, como, porque e por quem é provocado o ato de desmatar.

Após essa reflexão, será promovido um ato de compromisso, onde será lançado o desafio dos alunos se tornarem protetores das árvores, com isso construiremos uma árvore simbólica, onde cada aluno irá marcar sua mão com tinta guache verde, e formaremos uma bela árvore no cartaz.

##### 2º Momento:

No segundo momento, será feita uma atividade impressa, e uma atividade com pintura:



Após as atividades será feita uma experiência de plantar sementes de feijão na sala com auxílio de algodão, em seguida, será lançado um desafio, para que as crianças plantem em casa, no quintal, uma semente de feijão, por ser umas das sementes mais acessíveis, e na aula seguinte será perguntado como fizeram o desafio.

### **5ª Aula: Artes/ Geografia/ Ciências-22/09**

#### **1º Momento:**

No primeiro momento, será perguntado sobre o desafio lançado para casa, se os alunos conseguiram concluir, como foi a experiência, ou se não conseguiram.

Em seguida, será retomada toda reflexão que foi feita durante a semana, relembrar a cantiga da primeira aula, relembrar a história do “mundinho”, e perguntar às crianças como se sentiram durante a semana, e o que aprenderam.

Após a reflexão será promovida uma oficina, onde as crianças serão separadas em duplas, e cada dupla irá construir o “jogo da velha” reciclável, utilizando de palitos de picolé e tampinhas de garrafa pet, depois de construírem o jogo, poderão brincar com sua dupla.



#### **2º Momento:**

Para o segundo momento, será proposto uma visita na horta da escola, para as crianças observarem melhor o ambiente em que estão inseridos.

Na volta para sala, será perguntado o que acharam da visita, se conheciam as plantas da horta, se já comeram algum alimento de lá. Em seguida será feita uma atividade para finalizar a sequência.

Escola Municipal de Ensino Fundamental Carlos Fernandes de Lima

Aluno(a): .....

### MEIO AMBIENTE

- PINTE A CENA ABAIXO QUE MOSTRA A FALTA DE RESPEITO PELO MEIO AMBIENTE:



### CAMPO DE EXPERIÊNCIAS:

“Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

### HABILIDADES DA BNCC:

(EI03ET02) Observar e descrever mudanças em diferentes materiais, resultantes de ações sobre eles, em experimentos envolvendo fenômenos naturais e artificiais.

(EI03ET03) Identificar e selecionar fontes de informações, para responder a questões sobre a natureza, seus fenômenos, sua conservação.

### REFERÊNCIAS:

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular - Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:

<[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)>.

As imagens para uso das criações das atividades estão disponíveis em:<<https://pin.it/5MnrQ6V>>

#### HISTÓRIA: O MUNDINHO



ERA UMA VEZ UM MUNDINHO... QUE VIVIA NO ESPAÇO, QUE PARECIA NÃO TER FIM. NELE MORAVAM MUITOS ANIMAIS E MUITAS ÁRVORES QUE VIVIAM MUITO FELIZES. ASSIM, O MUNDINHO TAMBÉM FICAVA SEMPRE CONTENTE. GOSTAVA DE OUVIR A MÚSICA DOS PASSAROS E O SOM MÁGICO DE SUAS CACHOEIRAS. DE SENTIR O LEVE PERFUME DE SUAS MATAS E DOCES FLORES. E DE VER OS ANIMAIS BRINCANDO SEM PARAR NAS SUAS TERRAS E ÁGUAS.

UM DIA, DE REPENTE, CHEGOU LÁ UM OUTRO SER: UM HOMENZINHO. TODOS OLHARAM PARA ELE UM POUCO ASSUSTADOS, POIS NÃO O CONHECIAM.

ENTÃO, O MUNDINHO MUITO AMÁVEL JÁ FOI DIZENDO: -AMIGO, SEJA BEM-VINDO. VOCÊ PODE HABITAR AQUI CONOSCO. ELE AGRADECEU E FICOU.

PASSARAM-SE ALGUNS DIAS E CHEGARAM OUTROS HOMENZINHOS PARA MORAR LÁ. O MUNDINHO ERA MUITO LEGAL. SORRIA SEMPRE E OS AJUDAVA. APOS ALGUNS ANOS O MUNDINHO FOI SE MODIFICANDO MUITO. JÁ NÃO SORRIA E CHORAVA TRISTEMENTE. OS HOMENZINHOS CADA VEZ MAIS TOMAVA CONTA DELE, INVADINDO SUAS FLORESTAS E DESTRUINDO-AS PARA CONSTRUIR COISAS QUE ACHAVAM IMPORTANTES. ESSAS COISAS SOLTAVAM FUMAÇAS E SUJAVAM SEUS RIOS E LAGOS. A POLUIÇÃO IA ALIMENTANDO E NÃO DEMOROU MUITO PARA OS ANIMAIS COMEÇAREM A DESAPARECER. ELES JÁ NÃO PODIAM MAIS COMER NEM RESPIRAR.

O MUNDINHO A CADA DIA CHORAVA MAIS. SUAS LÁGRIMAS ERAM TANTAS E TÃO GRANDES QUE FORAM INUNDANDO TUDO. OS HOMENZINHOS FICARAM COM MEDO. ALGUNS ESTAVAM SE AFOGANDO E MORRENDO. UM DELES FALOU QUE ELAS TERIAM QUE PRESERVAR E CUIDAR DO MUNDINHO E NÃO SÓ PENSAR NOS SEUS INTERESSES E DESEJOS. O MUNDINHO PENSOU E TEVE UMA GRANDE IDEIA: - PODEMOS AINDA NOS SALVAR. SE TODOS NÓS TRABALHARMOS PARA ISSO. ASSIM DAQUELE DIA EM DIANTE TODOS UNIDOS INICIARAM UM TRABALHO MARAVILHOSO: CUIDAR DO MEIO AMBIENTE E DA HARMONIA ENTRE TODOS OS SERES.